



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

José Ernani Melo Chaves

CACARIA
PLANOS de VOO

Porto Alegre
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Melo Chaves, José Ernani
Cacaria plano de voo / José Ernani Melo Chaves. --
2021.
104 f.
Orientadora: Paola Zordan.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Escrileituras. 2. Autismo. 3. Poéticas Visuais.
4. Fabulação. 5. Sala de Artes. I. Zordan, Paola,
orient. II. Título.

José Ernani Melo Chaves

CACARIA
PLANOS de VOO

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul como requisito parcial à
obtenção do Título de Mestre em
Educação

Porto Alegre

2021

Agradecimentos

A vida na arte e educação que me impulsionaram até aqui, no encontro com a Filosofia da Diferença que me rompeu os planos, na minha orientadora Paola com sua vassoura atômica, mão de gato louca, que carrega generosamente a mostrar os caminhos e aprender a voar sem olhar para baixo.

Ao PPGEDU, Capes e seus incentivos.

Nos amigos e colegas que me alongaram seus corpos com suas mãos, Heitor Shimdt, Erica Spagnollo. Marina dos Reis, Eluza Pereira, cujos palimpsestos que forçam a pensar cacariam o texto.

Gratidão aos meus fisioterapeutas que me realimentam a prosseguir cotidianamente.

À clareza de minha banca de qualificação, Cibele Sastre e Duda Gonçalves, com suas contribuições generosas.

Ao professor Cristian Mossi, que veio ocupar o lugar de quem se foi, mas aqui, em palavras e referências, fica.

Sandra Corazza que me tirou o apoio físico, me jogou no escuro, a fim de encontrar e abraçar minha alma.

RESUMO

Este trabalho apresenta experiências de um artista professor, professorartista, em sala de aula de escolas de educação especial. Trata-se de aulas de arte na singularidade fabulatória que, com fragmentos do vivido, traz perspectivas poéticas do que educativamente se realizou. Cacaria, matéria de pesquisa, desenvolve um método próprio, com inspiração em alguns estudos da Filosofia da Diferença, bem como assimila autores pelo maneirismo aforismático do texto. Cacaria colhe cacos do experimentado para criar imagens e planos de voo textuais. O corpo dos alunos, em sua maioria autistas, assim como outras crianças e jovens com acometimentos neurais de diversos tipos, atravessa o próprio corpo em desequilíbrio do professorartista. Um discurso não-linear, não-narrativo, tampouco dissertativo, traz as vozes desse pensamento outro fora das convenções racionais, que plana em expressões sensórias.

Palavras chave: escrituras; autismo; poéticas visuais; fabulação; sala de artes.

ABSTRACT

This work presents an artist teacher, teacher-artist experiences in special education schools classroom. These are Arts classes in the fabulatory singularity which bring poetic perspectives of what was educationally realized through lived fragments. Shards, as a research matter, develops its own method, inspired by some studies of the Philosophy of Difference and by others assimilated in the aphoristic mannerism of the text. It collects the shards from the experienced to create images and textual flight plans. In most autistic cases, as well as other children and young people with different types of neural disorders, the students' body crosses the unbalanced body of the teacher-artist. A non-linear, non-narrative, or dissertative speech brings the voices of that other thought, outside the rational conventions and full in its sensorial expressions.

Keywords: scriptures-readings; autism; visual poetics; fabulation; Arts classroom.

SUMÁRIO

FIGURAS (sem listas)	9
Cacarias: como começam... ..	11
Um espaço outro	18
Fabular: planiversos.....	22
Fragments de existências, professor em primeira pessoa.....	23
Sonho da escola.....	25
Entre os cacos, ainda na primeira pessoa, o sono, o sonho.....	27
Criaturas asas, as pessoas do discurso se perdem.....	30
Mergulho no escuro, tudo se impessoaliza.....	33
Asas mágicas como vestes	37
Romper os planos.....	41
Lutar com os planos	43
Criatura asa navega em um oceano de cão.....	45
Múltiplos pedaços.....	50
Pêndulo da ilusão pontual.....	53
Cercar o plano, cacar	55
Membrana que abana o plano.....	57
Caixa nave, pessoas imprevistas.....	59
Engolfada pelo plano.....	61
Cacos submersos.....	63
Desenho escrito.....	65
Devir polvo.....	67
Varinhas.....	69
O que foge.....	72
Desvios lineares.....	74
Cor que derrama.....	77

Plano camaleão.....	79
Plano volátil.....	81
Criatura asa acoplada.....	83
Asas sem finitude, voar, planar, aterrissar e saltar outra vez.....	85
Referências.....	88
Anexos.....	92

FIGURAS (sem listas)

As imagens que compõem este arquivo, com exceção da capa e contra-capa final, feitas pela orientadora, são realizações do mestrando. Partem de registros fotográficos das experiências tratadas na dissertação, mas criam outra coisa no intuito de pensar as ações dos alunos e a operação no espaço da escola e da sala de artes.

A poética dos cacos e fragmentos é assimilada das produções de Zordan. Os primeiros textos foram impulsionados pelas imagens. Após a qualificação, as imagens passaram a reger o escrever. As fotografias são alteradas com materiais gráficos, canetas esferográficas, hidrocores de espessura de linhas variadas, lápis 6b, aquarelados e mina seca, cola, estilete, tesoura, papel vegetal, restos de impressão, tiras de papel do lixo, papéis de propaganda, embrulho, adesivos e retalhos de fotos, advindas de imagens de baixa definição que originalmente foram registros de ações. Algumas dessas imagens foram retalhadas e romperam com a forma retangular. Palavras se agregaram, caixas de remédios foram retalhadas e se misturaram nas colagens, suas especificações passaram a estar em outra desordem, a do corpo do autor, que estava des governada e sem medidas. Todas as imagens foram digitalizadas e receberam tratamentos de cortes e nitidez. Uma inversão de preto e branco, conservando sua força analógica e feitura, foi feita digitalmente em torno de um desenho. Ao final do processo, os esgotamentos exigiram a mão colaborativa da orientadora, que imiscuiu as produções do seu orientando, de modo digital e acumulativo.

Anotações e leituras foram feitas de forma fragmentária. As imagens foram retalhadas e desenhadas, imaginadas, sonhadas, coladas sem relações de proximidade, mas de plasticidade e camadas do que vinham ao alcance das mãos. Trata-se de um processo de acumulação conforme pensava-se a escrita, numa fusão. Perde-se o que diferenciava aquilo que determinava, uma constância de procedimentos em sala de aula e o pensamento visual em seu movimento, seguindo o Dadas, presente nas gravuras e produção artística do mestrando há muito tempo.

Algumas vezes as criações foram regidas pelas palavras, em desenhos realizados somente a partir do fragmento que ia compor a colagem, com uma ou outra parte agregada após a escrita, sem rigor de proporcionalidades. As partes feitas em materiais gráficos, agregados a colagens, como aquarelas para apagar pedaços de fotografia, repartiram os planos como se fossem romper as paredes que fisicamente eram impossíveis de serem derrubadas na realidade.



Cacarias: como começam

Pesquisar é criar e criar é problematizar.
(Corazza , 2013, p.38)

Esta dissertação escapa do texto acadêmico e científico porque plana a partir de outras forças em devir, assim sua estratégia é outra. Uma escrita que não se aparta das imagens que acompanham a pesquisa, e constrói-se fabulatória em torno da vida de um professor de artes em escolas públicas para alunos especiais. Tal educador é artista e residente em um corpo portador de uma-necessidade especial a qual faz com que opere e planeje no limiar da relação entre seus desequilíbrios físico-corporais e sua pesquisa com corpos em sala de artes. Assim, sua matéria de criação envolve as próprias limitações de seu corpo, mas também as suas múltiplas possibilidades de expressão e de fuga ao equilíbrio estabelecido no ambiente de ensino. Explora, de forma não-harmônica, seu desequilíbrio de movimentos e suas fragmentações corporais, intelectuais e discursivas. Age em matérias variadas, arranjos de objetos, com materiais heterogêneos e seus pedaços. Seu corpo ocupa um espaço peculiar. Suas maneiras de expressar a criação em arte escapa das regulações escolares e acadêmicas para afirmar a força das experiências com seus alunos, transcriadas de forma infinita. Assume, assim, a criação e o movimento do pensar em estado de desequilíbrios de infindas ordens, de forma fragmentária e não linear. Essa relação de equilíbrio/desequilíbrio cria fugas e deslizos entre alunos e *professorartista* num plano que se institui no componente curricular arte, potencializando relações de experiência atravessadas por suas limitações.

Os desequilíbrios do professor são oriundos de sequelas neurais de um acidente que gerou dificuldades motoras e entraves para o andar físico. Há também prejuízos de postura em eixo vertical e a necessidade de se apoiar pelo espaço para auxiliar o equilíbrio do corpo. Tais limitações são

transformadas em sua própria expressão poética de aula, a qual problematiza as formas de deslocamento e apoios físicos, estabelecendo, em torno desse problema concreto, criações plásticas e visuais em arte. Tudo isso repercute diretamente na sua ação como professor e cria uma maneira diferente de olhar e de operar nas aulas de arte e nas interações com as diferentes necessidades de seus alunos, que também são portadores de outros desequilíbrios de inúmeras ordens.

O plano imprevisivelmente traçado é tanto o plano de imanência do pensamento, constituído com Filosofia da Diferença, quanto o plano conjunto de superfícies extensas em jogo afectivo dos encontros e movimentos entre matérias, corpos e criações.

O que ora se nomeia *criaturas com asas* são crianças autistas, esquizofrênicas, sindrômicas, com as quais professor-autor-artista-propositor deste trabalho se deparou ao longo de quase duas décadas em sala de aula de escolas especiais em algumas redes de ensino. A poesia com que são tratados os encontros com estas criaturas expressam a experiência do autor como interventor em suas aprendizagens. O que se problematiza no entanto, não são casos em escolas específicas, e sim como as proposições criadas com professor e criaturas afetaram seu corpo e produziram efeitos e aprendizagens nos corpos dessas criaturas, ricas de possibilidades para aprenderem o que, em suas limitações, parece intransponível.

No impulso dessas experiências aladas — a de um artista, a de um professor e a dos encontros com estes alunos nada convencionais — cria-se um modo de escrita residual, que se dá pela junção de pedaços e fragmentos de leituras. Em meio a esses cacos, estudos entre aulas e tratamentos, os conceitos são tomados de modo não-filosófico. Os textos foram deglutidos e regurgitados, em processo antropofágico que dispensa citações e referências precisas. Sobre essa escrita fragmentária, feita aos pedaços, por várias mãos, corpos e cabeças. O resultado, colaborativo, é essa escrita aforismática, que assume a ruptura com estruturas narrativas e com dissertações teóricas. Afirma-se poesia, pois, em vez de travar um texto com

análises de um campo empírico, ou recheado de explicações filosóficas. O pensamento aí está, no fora: plana longe daquilo que a razão, com todas as suas linhas, espera.

Cacaria desenvolve-se como método transcriador de uma pesquisa que sobrevoa práticas e espreita conceitos sem os compreender se não intuindo possibilidades que não se esgotam. Todas intuições, coletadas aos pedaços, porque em frangalhos se trabalha e se pensa, não tratam diretamente do que acontece e do que se faz em sala de aula. A pesquisa aceita as aberrações filosóficas perante conceitos pouco sustentados, pois o que procurar exprimir encontra-se nas bordas, nas margens, na vida e na linguagem desregrada do professor que escrevê acontecimentos. A sala de aula e os corpos, com seus acometimentos, na fragilidade e no esgotamento de quem ensina, na dor da pessoa que precisa apresentar resultados aceitáveis, é matéria de escrita e de criação.

A pesquisa cacarial não apresenta casos, pessoas, propostas de trabalho, não há aqui fotografias de alunos e nem de seus trabalhos. O que traz são mais registros do autor que captura fragmentos de momentos por ele vividos. Os registros aqui trabalhados são pedaços para novas criações. As imagens do professor-artista-pesquisador-propositor exploram enquadramentos e desenquadramentos fotográficos de espaços, materiais, posições corpóreas e outros elementos que trazem partes e cacos capturados em salas de aula e escolas de diversos tempos e locais. Cacos de vida, tais registros se tornam matéria para pensar com o corpo, com os encontros, trazendo à tona recriações de experiências pedagógicas e proposições de aprendizagem. Tais imagens vêm mostrar a própria experiência do autor em sua singularidade magisterial e artística. Magia alada que captura desequilíbrios, em fragmentos ofertada.

Mágico, o professorartista esgueira-se entre os corpos, tenciona-se na escuta de sons que não se distinguem, na espera de um tempo outro, no olhar de um gesto que se constrói com inúmeras tentativas de intervenções para ampliar as percepções e movimentos dos alunos. Sabendo que operar num corpo outro pode ser uma coleção de tentativas cambaleantes,

deformadas: operar a própria inflexão. Ao fazer de tudo isso pesquisa, percorre a transitividade dos sentidos em seus desdobramentos, acionando rebordas aladas.

Cacaria faz uma relação intrínseca entre o texto e a imagem, assumindo a bricolagem como recurso e força de composição, tanto textual como visual, em fotos de registro e criação de forma sobreposta em ~~cacos~~ e técnicas de mixagens variadas. As imagens são realizadas com materiais cotidianos de escola, papéis recolhidos e variáveis, sobrepostos de recortes de fotos, revistas e fragmentos, desenhos, colagens, canetas esferográficas e lápis de cor. Não se estabelece continuidade nem narrativa sequencial, mas sim uma sobreposição de fragmentos e aproximações e afastamentos visuais e de experimentação entre a palavra, o movimento e a escrita. Compõe a feitura simultânea com agregações de maneiras de executar a recriação das imagens. As imagens microexplodem em cacos das experiências das quais a pesquisa, situada liminarmente à poética e à educação, entre a escreteira e a esquizoanálise, problematiza sua própria existência enquanto pesquisa. Pedacos de imagens ao acaso, destituídas de alguma semelhança com o real expresso pela matéria da pesquisa, sem compromisso algum com organizações narrativas a priori e dados historiográficos, esses cacos formam séries esquizoides:

A experimentação gráfica apresenta-se nas superfícies coladas de cacos encontrados ao chão, semelhantes aos Dadas, nos fragmentos jogados ao lixo, no que vem à mão. Assumem-se ações impulsivas e motoras como procedimentos também contaminados pela experiência com os alunos. Aqui funda-se uma relação que impulsiona a cacaria, maneira, fragmento, espaço aceito em suas formas aleatórias e em suas acumulações de acontecimentos. Não são mais dados e sim forças infinitivas a re-velar encontros, corpos e aprendizagens. O caos como contramestre da marcha, a colocar a racionalidade e sua centralidade em segundo plano, em desnivelamentos e rugosidades em relação aos corpos. A racionalidade é uma ínfima parte de um todo sem fechamento. A cacaria trata de um sistema aberto e criador, que move afecções corpóreas, mostra os (de)efeitos dos

acontecimentos, fabula imagens e escapa das identificações, das personalidades, dos fatos e suas finalidades.. Desequilibra personalizações de dados para glutinar afectos em suas singularidades.

A imagem, tipo de resultante, acontece de modo processual, motivada e torcida por autora, autores e artistas, pelo Atlas de Aby Warburg, pelas escrituras de Sandra Corazza, pelas orientações e textos de Paola Zordan, pelas aventuras oculares e descomprometidas em alguns sobrevoos nos textos de Deleuze. Cada parte escrita afirma uma inquietação de continuidade e descontinuidade nos fragmentos formados e no corpo inquieto. Os elementos não se fixam, mas possibilitam uma infinidade de leituras, coleções de imagens, constelações icônicas, bricolagens nunca acabadas, retalhos que colocam em xeque a unidade dogmático-crítico-analítica que estabelece o que vem a ser obra de arte, o que vem a ser uma pesquisa, o que vem a ser uma dissertação. Trata-se de uma composição que foge da demarcação de sua história como imagem ilustrada.

As imagens se processam via ações com os alunos, nas memórias e na recriação e despedaçamento de tudo o que foi visto e vivido. A experiência é deformada, destituída não só do prisma ótico, mas da sua própria existência e continuidade. O que se de-forma à imagem convencional é figuração resultante de ações com o corpo do professorartista que, ao mover-se no espaço, torna-se a própria imagem. Trata-se de fazer pensar o espaço na imagem, sem ainda contornar respostas, como o corpo em movimento, se deslocando, erroneamente, ao acaso, se recria na relação com as superfícies, com os materiais, nas disposições e proposições de um artista e professor.

Experiências que fraturam uma abertura para possibilidades de expressão e diálogo com o espaço de aula criam matéria de pesquisa, cuja empiria se dá na própria recriação do vivido pela escritura fabulatória. A fabulação, uma sala de artes que se torna um espaço visual sem ponto fixo, vem compor toda uma transitividade de sentidos e seus múltiplos acúmulos,

experimentados fragmentariamente pelas diferenças do que se transcria em suas variações corpo-espaco-vibrações-emanções-acúmulos.

Pedaços extraídos de materiais cotidianos numa superfície, experimentação que marca o cubismo, tornam a bricolagem mais uma possibilidade de expressão. O termo parte de *brique*, tijolo (pedaço de uma construção) e do que designa, no francês, os trabalhadores manuais, *bricoleurs*. A palavra bricolagem afirma transições nos conceitos de arte, de modo a desmistificar o papel do artista e das técnicas acadêmicas tradicionais, como a pintura e a escultura, se tornando recurso plástico-político para as manifestações dadaístas. (ZORDAN , 2020).



Um espaço outro

A maneira é um jeito de habitar o plano e criar coesões e divergências entre as variações caóticas, de contínua velocidade e lentidão, que o compõem. Trata-se de um modo de vida, um jeito de criar, de produzir efeitos estéticos, de estilo. Pode se dizer que maneira e estilo são manejos, provocações sensíveis para comover, conservar a fluidez de certos instantes e mover o estado de coisas ao redor. (ZORDAN, 2014).

Em sala de aula, há constantemente novas maneiras para se transpor limitações. Essas formas de produzir cacos escapam pelos gestos, nos comportamentos, nas trocas interpessoais. Trata-se de pensar modos incansáveis para se aproximar e reaproximar dos alunos. Causando variabilidade em suas ações corporais repetitivas a fim de potencializar provocativamente infinitas expressões com o que está disposto física e espacialmente em sala de aula.

Uma exploração ao espaço via deslocamento dos alunos dentro de uma escola aconteceu em conjunto com a própria configuração da arquitetura da sala. Essa a sala transformou-se devido à toda uma pressão sofrida pelos corpos inquietos e expansivos, afetados pelo estar dentro do ambiente ao qual não se adequavam a formas convencionais de conduta. A falta de adequação destes alunos se deu em muitos sentidos, os alunos que ali adentravam tinham evidentes dificuldades de se acomodarem no espaço, pouco apto para suas necessidades de exploração tátil e motora. Para combater a tensão com o mobiliário, procede-se a o deslocar de mesas para um lado para a abertura de espaços no chão, e o respiro de movimentos. As paredes se oferecem a serviço da expressão, penduram-se módulos, tocas são construídas, numa multiplicação das possibilidades do espaço físico. Cadeiras e mesas tornam-se outras coisas e dissolvem suas normas usuais, os corpos passam a agir de outro modo, cria-se um espaço de exploração e experiências no que é uma aula de artes. Assim os materiais se diversificam em formas, texturas e escalas, suas possibilidades se

ampliam, se redimensionam, a criação é infinita, arranjos e variações, possibilitando ações que, em seu aspecto plástico, cênico, performático e relacional, podemos dizer “intervenções artísticas” .

Nomeio estas ações de planos de voo, onde os alunos tencionam o espaço e criam, infinitas posturas para a experiência. Deslizar, rolar, raspar, esfregar, espedaçar, pintar, riscar, horizontalizar, tatear, espremer, traçar, bater. Dançar, pendurar, amontoar, subir, verticalizar, chocar, silenciar, borrar. Gritar, escutar, esconder, rastejar, torcer, ler, xingar, entortar, amassar, alisar, cuspir. Empilhar, desmoronar, molhar, dilacerar. Todos esses infinitivos criam modos de existir. Não existe nenhuma separação, são ações da própria arte, sua performance em estado mutante e variável. Assim, assume-se uma postura de criação do experiencial em uma sala de artes com alunos especiais. Tal postura arrasta-se e contamina também a outros espaços de aprendizado. Tudo isso a fim de ampliar as possibilidades de deslocamento corporal e potencializar a abertura do espaço arquitetônico convencional para um arranjo esquizo- físico diferencial.

Como um maneirismo, são desenvolvidos arranjos de múltiplas formas contemplando a criação em desequilíbrios físicos e sensoriais, inventando maneiras de expressar e de inventariar as ações e pensamentos. O corpo no espaço em suas muitas composições visuais. O espaço e sua configuração como medidas de gestos e apropriação de planos de inúmeras dimensões. Os planos são paredes que servem para pintura, colagens, esticar tecidos, fazer tendas penetráveis, dobrando ~~criando~~ criando espaços dentro do espaço com materiais que podem ser manipulados. São papeis, caixas, materiais gráficos, livros de arte, catálogos de imagens, formas geométricas e suas derivações, texturas arquitetônicas, formas restantes da indústria e embalagens, tampas circulares de escalas variadas. Tintas, madeiras, fragmentos lineares, palitos empilhados, amontoados, dilacerados, rasgados, acumulados, extraídos e sobrepostos com intermináveis dimensões.

Dessas experiências transcriam-se as imagens e escritas aqui trabalhadas em torno de tudo o que se viveu, tudo o que se fez. Tudo o que valeu. Tudo

o que nos desloca. Tudo o que funciona, apesar do cansaço de tirar tudo do lugar.

~~Ainda, a sala recriada~~

As criações em cacarias são intervenções de inúmeras ordens, sem começo nem fim, fragmentos cacos e lampejos de composições em configuração bidimensional e tridimensional. Essas incansáveis ações em arte envolvem performances inusitadas e irrepetíveis, são gestos corporais em exploração e expansão do espaço físico da sala. Os arranjos da espacialidade da sala, inventando outra arquitetura, transmoldando nichos e corpos ~~demost~~ram, por suas ações e movimentos, participam um pensar Outro: com e em torno do espaço que des-ocupam que propicia e , esses fazeres passam a desconstruir os cerceamentos que definem em condutas regradas o que é uma sala de artes com alunos especiais ~~vivem~~. Assim, estar em sala de artes com alunos de características distintas, com seus corpos singulares, que apresentam camadas incompreensíveis, rompe em grande parte a ilusão preestabelecida do que se almeja em currículos estanques como deve ser uma aula de artes. A ilusão da qual falamos é a de uma aula de artes onde serão ensinadas técnicas e suas execuções, como também explanações e reflexões sobre algum tema. No espaço frágico, o absurdo é guia, é maestro: acasos são mais rápidos que qualquer planejamento anterior e sua previsibilidade.

Nesta sala ampliada, cadeiras podem ser empilhadas, para produzir fantasias espaciais e separações de ambiente. Linhas físicas cruzam o espaço como determinante de um desenho fictício de alguém que imagina, que é outro lugar. O espaço é mutante e volátil, configura-se e se arranja conforme a situação, sendo a mágica guia e também espectadora. O inusitado é tão predominante como o previsível. Nesta sala, o espaço é subdividido em micro pedaços: nichos esquizóides compostos ao serem rasgadas inúmeras revistas em um transe livre e também em colagens acumulativas em bando. Objetos são depositados em conjunto pelos cantos, linearmente, circulares e/ou disformes. Amplos gestos em outro ponto; aguados correm pelo chão e uma criatura asa se joga e se umedece como se estivesse em uma piscina,

ou em um charco, ou em sua banheira. Ao mesmo tempo, esse corpo-espaco ~~que~~ sente e continua a pintar uma pequena escala do tamanho de sua mao.

A experiencia especial de uma sala de artes, sua mobilidade em varios sentidos, potencializa o estar neste espaco e com um numero elevado de alunos que a transformam em uma experiencia de vida e de encontros-choque. Sua operacionalidade e funcao, sua imagem perante a escola, se estabelece como um outro lugar. E o lugar do diferente, onde nao se pode controlar tampouco averiguar qual sua eficacia em termos do educar, desmoronando normas em seus extratos e sedimentacoes.

Com isso, passa a ser um lugar de estranhamento e de convergencias dos alunos que sentem seu movimento e exploram-se. Tudo isso no intuito de potencializar a propria desconstrucao do que e um lugar de aprendizado dentro do ponto de vista da escola como um todo, passando assim a sala de artes nao caber no espaco fisico e imaginario da arquitetura escolar maior. Configura-se, pois, em um espaco de conflitos do que, afinal, e a arte e o que aprendemos com ela. Coloca-se em voo, no ambiente escolar, o que e a linguagem de expressao e questiona-se a que se destina, criando problematizacoes que dramatizam uma desconstrucao da imagem de criacao artistica como algo de habilidades e praticas com inicio e fim.

Fabular: planiversos

A fabulação é estratégica para que a pesquisa possa mostrar a multiplicidade de sentidos para fontes e dados e o que se cria como arquivo junto a tudo isso, o que se “pesca” nos oceanos do pensamento. Tudo o que tendemos a tomar como verdadeiro precisa ser averiguado pelo maior número de pontos de vista possíveis. (TORELY; ZORDAN, 2019).

fabular para criar criaturas

a fabulação não é humana, é alada

não seria suportável, sem fabular

~~toda~~ realidade ~~é~~ sensível e complexa

a escrita, a incompletude

realidades se perdem

a forma incorpora e vem

desvendar olhares singulares é pretensão e só

Uma produção não determina nenhuma leitura entendedora

nada pode ser determinante

o Magistral está longe da experiência

aqui, quem ensina é o absurdo

fabulação não é bem uma criação, tampouco algo que age

**os flaps de autistas e suas corridas batendo seus braços com
muita força: criaturas asas**

Fragmentos de existências: professor em primeira pessoa

O que se cria num outro? Acontecimentos que capturam partes de todos: as intersecções da relação professor-aluno, aluno-escuta, escuta-espço, sala, escola, pátio, árvore, ressonância, eco. Onde penetra? Onde cessa? Será que cessa? O fluxo, o que se arranja, o que se aproxima e o que se distancia, o que recria. Quando a criação cessou? Será que teve um início? Será que inicia alguma coisa? Quem disse que início existe?

Criar, fora de uma lógica binária, percriar. Outra forma de ver e se relacionar, estar, deslocar, outra relação com espaço. Criação de uma escrita autista, sem método, em busca de uma expressão outra. Alterar a língua, alternar. Pane neural? Cacara Vitral.

Conectar-se com: criar uma relação de proximidade com um dos seres asas que conheci e convivi, com os que não formulavam frases, não escreviam ao de nosso modo, mas gritavam, modelavam o som, sensória paisagem. Com os que lambiam paredes, chocavam suas cabeças contra a parede. O som era angustiante, se bloqueamos a cabeça, o pé se ativa. Um dia vi, não sei se era real – ouvi e penetrei em sua atmosfera.

Em um tempo de cinco minutos somos capturados pela sensação vivida e colocada em gestos e movimentos que não têm forma, nem intenção, parecem involuntários seres desenhados pelos ares. Com a intensidade que se coloca em tais gestos, não parecem ser casuais, mas sim um movimento de um pensamento movente que se move. Culminado em um gesto, e a adaptação deste mesmo gesto a uma atualização do que não se consegue dimensionar, mas sim sentir, afecto que intenciona ar. Retroalimenta-se pela presença de alguma percepção que é infinita no instante de não se constituir algo que se apresenta, às vezes um grafo tênue, mas não com a força de algo que é reconhecível, porém um traço errante mobilizador e aterrorizador. Ao ponto do corpo se balançar e não saber onde se colocar, como algo prestes a se desorganizar, depois se atenuando em um ponto de equilíbrio,

não muito duradouro, às vezes entrando em outro fluxo de movimento, novidades dentro de padrões, instalando-se uma outra atmosfera (autmosfera)

Atmosfera que não se define, se esvai e perdura em um espaço que não se traduz em um lugar de aprendizado fechado, mas sim com uma amplitude tempo e profundidade espacial que contemplam o gesto, o corpo que busca erguer-se e deitar-se, esparramando-se, flanando, saltando ao mais alto possível, até extenuar o seu lugar outro. Um fluir dentro da profundidade de um vazio que é parte deste movimento, fragmentos errantes que se ocupam de fazer espaçar. Ar que ocupa o instante que se vive em intensidade e não tanto por registro ou configuração de algo que podemos mensurar, devir-planador.

Asas, limite entre suportar e ser acolhido; estado de prontidão ao que vem a seguir. Arte de educar-se em conjunto a algo que não se constitui? Percepção em expansão, dilata-se em qualquer sutileza alterada, arte presente, criando possibilidades de pensar este presente que não perdura, mas se esvai. O tempo estica-se; de tal e mergulho é impossível de se retornar.

A criatura asa se reconstitui em segundos, rumo ao próximo *flap*. Situa-se em um espaço que não é mais o mesmo, mas faz parte dele. Retroalimentação, sensação elástica e tênue, membranas. Asas se aceleram, retomamos o movimento, preciso, curto, quase um ponto, o corpo desliza ao plano que está a sua frente, estabelece um espelho com o ser alado, face muda se esvai, susto, semblante, curiosidade, inesperado, marca, sem forma, mancha. O que fazer frente ao estranhamento ~~presente~~?. Incomoda, desacomoda o estável. Próximo voo: passar a asa, apagar o registro, desaparecimento, alívio, expressão, experiência. Retomamos o decolar, risco novamente, agora demora, adapta, não saber, o que significa, *flaps* inesperados, rugidos e contentamento...

Entre os cacos, ainda na primeira pessoa, o sono, o sonho

“sofremos diminuição de acurácia de tomadas de decisões da execução ordenadas de planos. Gerando mergulho de sono, uma descontinuidade na composição lógica da imagética onírica” (RIBEIRO,2019)

No espaço de cada momento no qual se pensa, se sente, se vê, um instante pode ser uma eternidade, o tempo existido como elástico de perdurar o que já aconteceu, persistir em memória e fragmento. Sabendo que a memória se esvai. É engolida pelos próximos acontecimentos e vivida como um vapor de nuvens que passam e não se formam mais. Nos deixando num limbo. Vivendo em uma realidade que não existe, mas sim um sonho de múltiplas facetas, um pé aqui na terra, outro nas nuvens, asa em pensamento contínuo, regado por memórias e suas mutações. Cacos membranóides da inconstância.

Ao ler este fragmento de relato descrito na página acima, lembro-me de alguns momentos. Fazem pensar que são trazidos de uma realidade distante, ~~bem~~ como se não existissem mais, lembro de relatos semelhantes de “arte-educadores” que tinham experiência com crianças autistas e com síndromes raras.

Desse sonho alado, originam-se deslocamentos, condensações, fragmentações. Criam-se novas associações entre elementos ~~oníricos~~, recombinao memórias de formas inesperadas em multiplicidade de sensações, inconsciência, transitando em outras instâncias. São nossas experiências diluídas ao dormir, engolidas pelo infinito do descontrole, transformadas e reconectadas ao passado e recriadas a cada instante. Transitividade eterna, tendo que suportar o deslocamento de um centro ou

ponto que é ilusório, desmanche de qualquer domínio ou fixação. Vento diante do qual não resistimos, asas que nascem a cada instante que nos faz pensar que criar é existência. Vivemos sonhando, para suportar a realidade de seres humanos que mais se parecem como um animal feroz que vocifera, com seu ego e seu umbigo maior que o coração e o cérebro. Dentes afiados, aptos a dilacerar qualquer sonhador e visionário, tendo como lema o progresso e a matança da diversidade e da arte. Qualquer ser que não for a sua semelhança deve ser sacrificado. Narcisos históricos e cegos. Com sua estética límpida e clara, bem acabada e asséptica, sem rugas e sem marcas, sem desvios e com certezas que só deus duvidaria, se não estivesse morto. Pegadas impertinentes, um trabalho que vem de uma afirmação da vida e das diferenças; que busca valorar as criaturas aladas, que circulam e re-circulam, mas mesmo assim, nos batem.

Ao tentar e persistir em morar no limbo fabulatório da fronteira vaporizada, se estabelece um trânsito de sono, vigília e realidade, mostrando uma elasticidade em que a existência é uma matéria que se adensa e dilui, se corrompe e se esvai, se decompõe em micro pedaços, cacos, microplanos, membranas de fuga.

Dos sonhos em vigília de cansaço, após crises de dores em uma madrugada, um sabiá chamava ao alvorecer, fazia uma cantiga de sonho e sono, melancólico, lembrei da gravura *Melancolia*, de Albert Dürer que na infância tinha no quarto e o coração sentia que ali existia um mundo que não era o que habitava. Linhas que na pouca luz desaparecem conforme a distância, na linguagem e na sua potência, fazendo no imaginário algo que delimita uma forma e depois nos remete na atmosfera. Melancolia que mais parecia um anjo pensando seus instrumentos de medida e de arte: aritmética, alquimia, um quadrado mágico. Uma criatura de asas chorava seu sono.

Sonho da escola

Que criatura é esta que desenha asas em humanos e nos faz voar em pensamento, numa mistura que a arte comporta e não define onde a imagem habita? A imagem perdura e se move dentro de um espaço- tempo e não estabelece um ponto de parada, mas sim transitividade de atmosfera interna que se funde nos sonhos e as nutre como se fossem plantas em nossas cabeças e corações, fermento da arte. Bem-vindo à arte. Pensamentos invadem outra cabeça como flechas. Sem saber se sonho e realidade têm fronteiras, deparei-me com cenas de um lugar que, em algum momento, pareciam dramatizadas numa construção semelhante a uma antiga escola, apesar de ter semelhanças não parecia muito.

Escolas tinham em sua arquitetura traços bem definidos com espaços e padrões de uma precisão invejável, sólidas e retas, corredores imensos, como cárceres e suas celas do aprender. Sabíamos que em algum momento sairíamos para pegar sol, e correr muito para abrir as asas e não perder o modo de voo. Este modo de voo era bem domado pelos animais superiores, corpos sentados em fila, e silêncio absoluto, em sua lobotomia de repetições enfadonhas, sistemas fechados e de precisões invejáveis. Alguma pergunta poderia ser uma flecha. Índios que atacam os mocinhos e na primeira oportunidade abrem suas cabeças com machadinhas de cor, rompem massa cinzenta e colocam amarelos e vermelhos para conhecer o que é a beleza de um laranja bem pegado. Laranjas que se come no pé, que nos lambuzam de tanto suco, rompem fronteiras de absurdos de um imaginário de algumas infâncias dizimadas por instrutores de disciplinas e outras aberrações ~~que sempre existiram~~ nas escolas. Vivia-se a antropofagia.

Sonhos são avassaladores, desmancham tempo sem pedir licença, agregam pedaços e fragmentos que se recompõem em uma velocidade e aproximação criadora, somos transportes do mesmo. Sua arquitetura é atmosférica e volátil, vão e se formam e escorrem em paredes de algum lugar do passado. Nas escolas que pensamos em não existir mais, haviam paredes bem limpas

e com quadros de normas e informações, lugares inacessíveis. Ali estava a configuração do arcaico e normalizador de tudo que não se podia esquecer de não fazer, tipo um juramento de morte anunciada, caminho para alguma sala de tortura ou de entrevista guiada. Nessas entrevistas podia ser confessado o que nunca tinha sido feito. Mesmo quando se fazia não se falava, num tratado de silêncio, imaginação e potência que ali se formava. Generalizar os sonhos os compromete. Azar.

A sorte às vezes era lançada, poderia se achar alguma bruxa de roupa estranha e óculos mais modernos, sapatos com alguma cor e olhar de cumplicidade e conversa de coração. Poderíamos ter a sorte e acesso a algum material de arte e algum livro que descortinava o mundo, que não eram os devidamente escolhidos pelos torturadores. Poderíamos, às vezes, ter oportunidade de desenhar durante tardes inteiras com a desculpa de não estar nas faculdades normais de equilíbrio mental, ficando em separado e tomando chás saborosos. Uma atmosfera acolhedora, desenhar muito para suportar um lugar sem vida própria. Muitas vezes as escolas pareciam lugares de pós-velórios, tristezas e silêncios que duravam e não tinham fim. Velórios são mais engraçados.



Criaturas asas, as pessoas do discurso se perdem

... por isso mágico e além
dessa magia a mágica de perpetuar as
fórmulas e mostrar atemporalmente as
possibilidades do pensamento, a
imensidão da matéria, a complexidade de
todas as relações (ZORDAN , 2018)

Com algumas memórias de algum passado distante, os sonhos se colidem com um tempo mais próximo mas, mesmo assim, a distância e a proximidade é relativa, a imaginação é o fermento de escape de alguma obsessão e de neuroses que capturam mentes que têm a fome de criar. Criaturas asas são corpos sem tempo e sem espaço definido, de onde conseguem estabelecer vínculos e confiar em algum Mágico que pode acessar seus devaneios e loucuras. Ele os diferencia de seres mais lobotomizados por métodos mais precisos e de desempenho neste mundo apolíneo, da retidão e de paredes sólidas e de pouca mobilidade. Nesse universo de muita fixação e caminhos estreitos, escolas do passado, que não tinham cor, nem jardim, sirenes de presídios para lembrar a hora de trocar de disciplina. Geografia do controle.

Criaturas asas são formas de existir e de operar em algum lugar onde a arte se prolifera, sabendo que podem incorporar em multiplicidades de devires, animais, ações, situações que percorrem no delírio indiscernível. Sua forma que é líquida e volátil, se move conforme a terra muda seu curso. A cada milésimo de segundo uma criatura asa se vai e se configura em alguma substância que não conseguimos perceber ou definir. O trânsito é imperceptível, pode a qualquer momento incorporar e se mudar sem ao menos reconhecermos sua definição. Não existe definição para uma criatura asa.

Naquele momento em que o sonho revela um lugar. Traz imagens e situações simultâneas, uma colagem de um caminho ou mapa de sua decomposição e acúmulo. Movem-se conforme olharmos. Em sonho não se olha, se vive a imagem infinitamente de pontos de vista diferentes, fractal de tempo e percepção, mergulhando num espaço sem dimensões, no vazio de tempo, vitalidade para o pensamento. Em sonhos as formas não mostram suas bordas, aquarela de tempo, cor que se dilui. Ao mesmo tempo nos fixam sutilezas, aglutinam sensações e desmancham qualquer posição de olhar ou ponto, transitividade e mergulho no absurdo de possibilidades descortinadas em permanecer na intensidade que é sua duração. Suas imagens não se distinguem, se adensam e se desformam a cada instante, potência de pensamento e ação, asas que rompem tempo e mergulham na escuridão.



Mergulho no escuro, tudo se impessoaliza

O caos, incontestável absoluto, é imanente e traça planos repletos de estilhaços que se espalham pela superfície que o pensamento recorta. (ZORDAN, 2019)

Ao mergulhar neste escuro a matéria se move, nossa capacidade de imaginar nos fixa. Nosso foco como uma nave intergaláctica nos leva a um limbo, um nada, um lugar outro. Nos remete aos confins de memória e de sensações que, ao estarmos em vigília ou sono profundo, nos transportam em atmosfera volátil e nos fazem imaginar absurdos. Criam possibilidades de relações nunca antes imaginadas, nem vividas, intensidades do imaginar e de transitar por imagens abstratas que se formam e se diluem, máquinas de guerra. Ao mergulhar em memórias que conservam algum vestígio de imagem que tem uma fragilidade de inconsistência. Descortinam corredores de espaços antes semelhantes a paredes ou prédios que em algum tempo foram abrigados por alguma educação normalizadora e seus regramentos. Suas normas ainda estão fixadas em suas ruínas, seus cacos conservam suas métricas precisas e seu aspecto homogêneo e sem marcas de vidas que ali passaram.

Nesta escuridão, neste buraco de Alice, sem coelho para pedir ajuda, habitam fragmentos em tons azulados e negros, cinzas e algumas palavras em decomposição. Sobrepostas em pedaços de papel, revistas e entulhos por toda a parte, planos variados, papelões, paredes inteiras, móveis empilhados, mobiliários e seu fragmentos, acúmulos de materiais e vestígios de acontecimentos.

Mergulha-se nesta cacaria de memórias, em imagens, objetos, vestígios de rompimento e desmoronamento de uma arquitetura que não se sustentou.

Observam-se rasgos, fachos de luz que a mãe terra rompe com sua tomada de um espaço que foi edificado em prol de uma retidão e de um progresso que não contemplou a criação, mas sim a linearidade precisa, a simetria, equilíbrio, em verticais e sua sequência rítmica e repetida. Não se vislumbra nenhum vestígio de alguma diferença que possa desviar de um harmônico e liso olhar.

Há um espaço escuro e intenso. Neste vazio vê-se uma imagem fractal, pedaços de imagens que conservam memórias, que ao se diluírem em esquecimento, se recriam em outras imagens mentais e de uma fabulação que move uma constante atualização de vida e arte.

É a arte de aprender a colar cacos de poesia visual e imaginária, escrever o inesperado. Traduzir o que o impensado insiste em trazer à tona de uma outra forma.

O pensamento é produzido como potência de criar imagens, atravessar tempos de respiro e abrir espaço de criar com os estilhaços. Se recompõe em uma atmosfera que não traduz o absurdo, mas navega em suas ondas.

Os cacos se encontram no universo escuro e profundo de memórias empilhadas e adensadas, que surgem ao sentirmos que elas se apresentam, conforme criamos pensamentos do que um dia poderia ter sido. Ou acontecimentos que podem possibilitar uma criação de traçados não mensuráveis. Poesias e retalhos de papéis que registravam currículos infernais, ideias e desvios de criar maneiras, desvendar caminhos, destituir normas, abolir rotas, mergulhar no absurdo com a arte. Junto a criaturas que não se adequavam a normas e padrões, que neste espaço em ruínas se aglomeravam. Ruínas de lugares onde criaturas eram adestradas a como se mover e se fixar no espaço. Aprendiam a controlar suas potências, tendo sistemas a seguir, orientar, normatizar, medir os passos, distribuir ações, emparelhar corpos. Retificar tudo que não se adequasse às orientações, extinguindo aberrações de criaturas aladas que carregam planos visuais em suas asas. Pintam com tintas vistas em qualquer espaço onde conseguem abrir suas asas, esfregam-se em planos, em suportes que lhes parecem

transitáveis. Entre cacos de arquiteturas mentais e materiais, vestígios de prédios ainda em escombros, paredes escoradas e planos que carregam marcas de acontecimentos ali expressos, pinturas, como se fosse um lugar rupestre, colagem de imensidão e cores arrepiantes, grandes desenhos. Empilhamentos de ~~tudo que se possa imaginar~~, objetos e cadeiras, livros e escritos de inúmeros materiais, memórias de ações e acúmulos. Arquivos que carregam registros bárbaros, anômalos, difásicos, agramaticais.



Asas mágicas como vestes

[...] um pensamento sem imagens só pode se compor com partículas imperceptíveis extraídas do caos (CORAZZA, 2004).

Esses planos de voo, eram subvertidos por algum Mágico que ali teimava em viver a arte e delirar a todo instante. Giro de Dionísio, rodopios, cavava o chão e trazia terra fresca, plantava ervas aromáticas, fazia tinta, carvão para riscar, pedras a empilhar, devaneios e sonhos mutantes, alucinações e cantos. Chás e água de bica, hortas e suas formigas que sobrecarregavam pedaços ~~tudo~~ na madrugada, desmoronamento e reconstruções, eterna transitividade. Cacos em decomposição, insetos e figuras aladas mergulhando no escuro, sem paradeiro nem mapa. Trânsito de fragmentos, poesias do movimento irregular e errante, observadas por criaturas híbridas, afetadas por devires múltiplos. Asas de pássaros com memória corporal de movimentos humanos, como se tivéssemos em algum escrito de Huxley , caco de pensamento lido, sem se saber qual ano foi publicado, sem a mínima noção de página, de anotações úteis, de métodos escolásticos e esses ranços professorais de quem pede as páginas. Seus registros eram vistos em expressões que se encontram neste caminho. Mágicos que tinham habilidades com criações do absurdo mergulhavam em tintas, riscavam paredes até o esgotamento em ações que rompiam métodos e moderações dos ditos apolíneos, véus de beleza e insensatez ~~sensatez~~. Onde o espaço é múltiplo e disforme, tendo sua matéria e visualidade um estado mutante, conforme os voos das criaturas que ali passavam.

Algumas imagens registradas nesses fragmentos não se dimensionam, parecem não possuem ter bordas, são estados de vapores que se

apresentam, em uma percepção volátil. Agregando outras imagens, virtualidade e movimento de um pensamento visual, que não se localiza, transitividade imaginária, matéria, operante e dissolvida, em fragmentos e suas intersecções ~~relações~~.

A própria matéria do pensar em imagem, essa que os que estudaram Deleuze gostariam que fosse de um “pensar sem imagem”, que ao arriscar fixação se desmancha, estado empírico transcendental.

Ao pensar matéria como movimento infinito e intenso, cacos e fragmentos se recompõem e transitam em seus estados de imaginação. Matéria e novas imagens de projeção e de constituição das criaturas asas, que transitam por devires e heterogeneidades. Situações que uma criatura asa, ao se decompor forma sua imagem numa transitividade constante, que só persiste na intensidade da própria fabulação que aqui está sendo escrita.

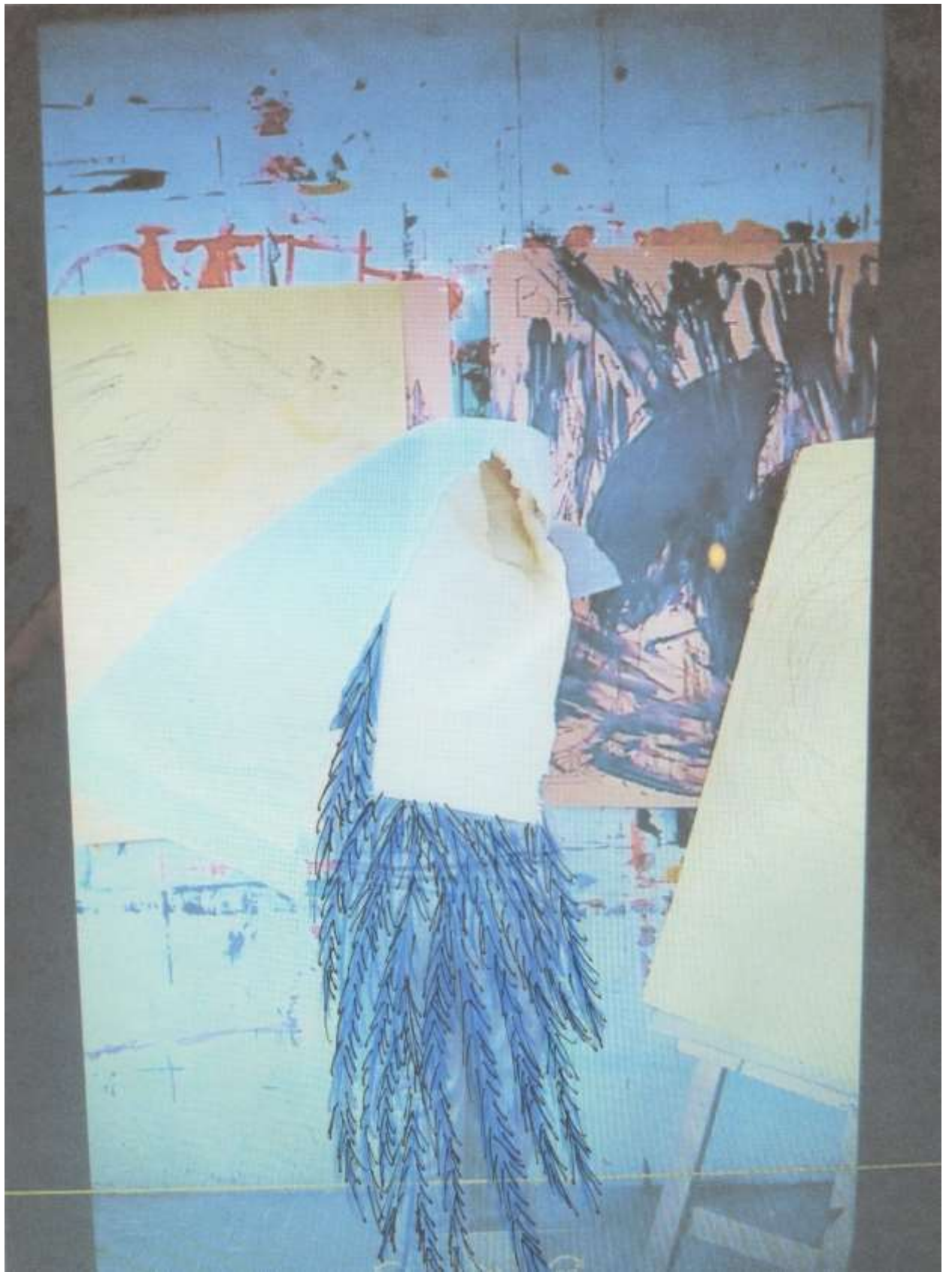
Uma criatura asa opera numa diversidade de movimentos e rupturas, se faz abstrata e mergulha em seus próprios cacos que se dilaceram a cada instante. Cria outras possibilidades. Linhas desenham outros caminhos, recortam matérias que se adensam, registram mapas de absurdos que podem não existir a cada instante onde a imaginação vai regar o que ela bem entender.

Uma expressão de uma criatura dessas não dimensiona sua intensidade e devires que se acumulam e se dissipam, decompõe formas e transitam entre linhas de pensamento e de ações, que rompem o espaço imaginário, mergulham na intensidade de decodificar a infinidade de possíveis, tendo a sua existência neste possível, com uma linha que sustenta na mente do fabulador.

Uma criatura asa, trama seu próprio espaço onde vai existir, seus elementos são íntimos de possibilidades, a arte é sua aliada. Dança sem música pelo próprio regozijo de seus movimentos. Circula em seu eixo e forma furacões de carregar almas e consciências não muito firmes, mas que oscilam em seus pontos de vista fixos e congelantes. Ao se aliar com uma criatura asa, a disposição de perder os planos básicos de onde estamos é um

condicionante. Operar a linguagem de artes e asas de modo que a cada devir, seus voos nos tiram de qualquer tentativa de respiro e porto seguro. Sua alma que Dionísio embriaga não estabelece nenhuma parada e ordem, quando se está regido por forças que não temos dimensões nem equilíbrios.

Numa dança, uma criatura asa ~~se~~ perde seu eixo em um plano que absorve sua existência e ~~tira seu eixo de onde se localiza~~ e rompe com um domínio que parecia estar em um estado harmônico, mas traz ~~uma ilusão de~~ um trânsito de passagem: cacarias dionisiacas tangem as cordas de uma dimensão autômata.



Romper os planos

Parangolé = gíria de morro, com a multiplicidade imensa de significações, variando, dançando conforme os conformes.

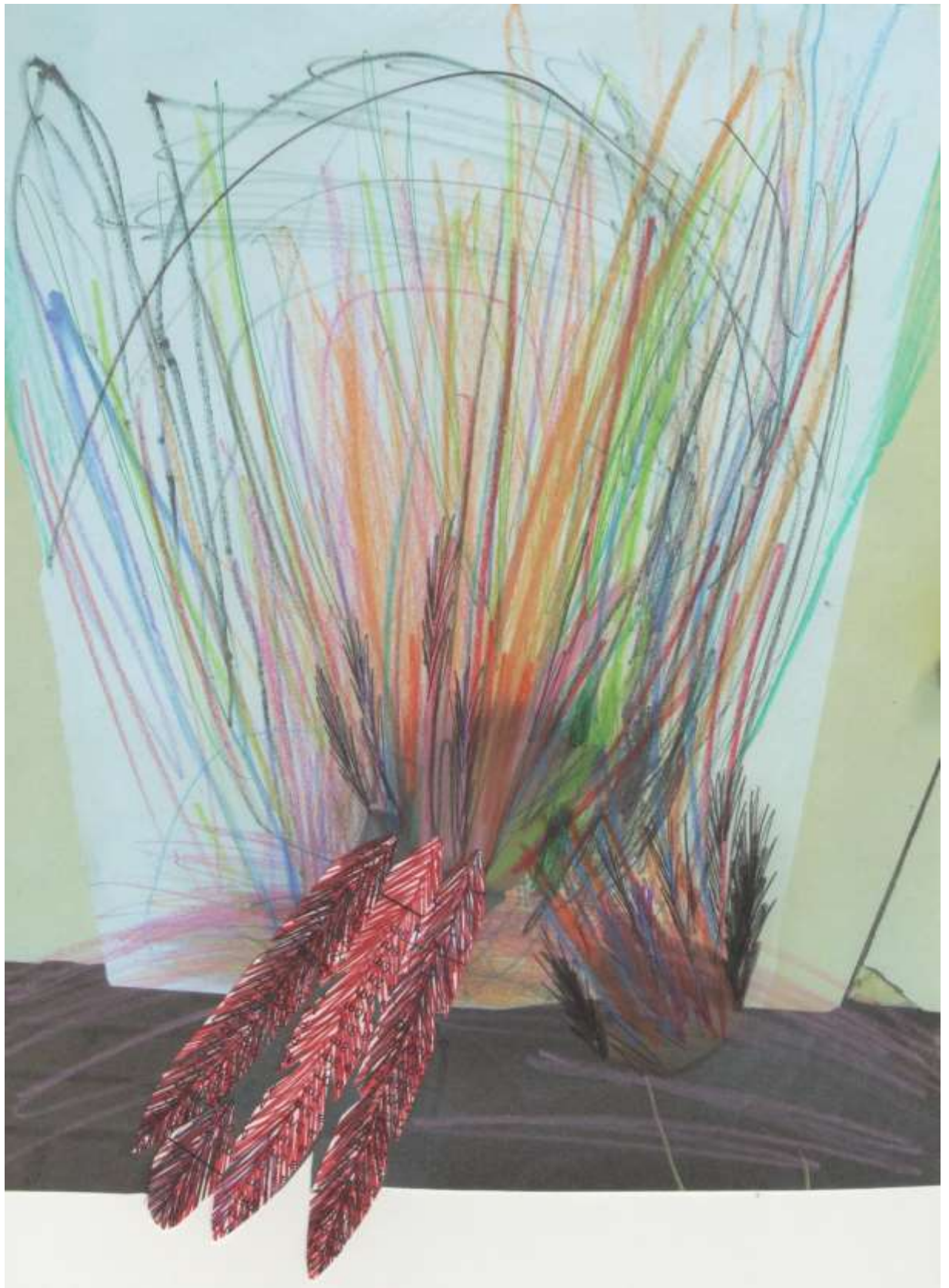
Wally Salomão

Um caco de plano dobrado e enrugado, envolto, encape, casulo e sossego, inebria. Experiência em Helio, capa, papel, Parangolé, giro e perda de eixo, destituição de referências, desequilíbrio, lentidão. Molda, cobre e instala uma nova pele, placenta. Devir desaparecimento, anêmona, bicho, sons e deslocamentos. Cegueira e lentidão, sentidos em pane, engolfada, paralisada, respiro, plano que domina, anda, transitividade em uma matéria, absorta.

Um corpo placenta, voltar e mergulhar no desconhecido, sensação e asas que arrastam, sente cada movimento, passo, veladura, pintura que sofre camadas, desaparecimento e planificação.

Criatura asa em trânsito de sua passagem e sua existência, subsiste em pensamento, devir plano, asas, matéria que o conecta aqui, dilui, membrana de pensar que pode manter asas na terra outro na atmosfera. Sensação, existência em xeque, pura abstração de sua permanência, névoa, uma membrana, corpo sem órgãos, sem plano de voo, materialidade em decomposição. Planificar em pensamento, criar e existir, caos que rege o movimento sem ordem e interrupto, perdura e adensa o inesperado, dilui o que não sabe, nem se vê, destitui o que nunca vai ser, atravessamento de sensações.

Criatura asa persiste em manter sua permanência derivando e recompondo num caos que desorganiza qualquer possibilidade de criação, de algo que a configure e permaneça, em estado que se veja ou se materialize.



Lutar com o plano

Uma criatura se depara com um espaço bem definido, suas asas não apresentam constância nem direção, seu desgoverno é total, treme e grita, entra em estado de decomposição, não cabe em si, desorganização e tremor.

Imprime forças que sua intensidade governa, desliza e sobrepõe, estica suas asas comprime sua massa corporal contra sua arte, esfrega e grita.

Um plano a sua frente o chama, se apropria com cautela e rompe o medo e o traça com cores de cacos de bastão colorido. Estende as asas até onde o plano limita, experiência e prazer de abrir um pouco o arco de suas asas, solta a tensão e muda seus sons internos. Misto de poder e distensão, ousadia de adensar o plano com o acúmulo de cores, imprime força e tensão, aprisionam, tensão e transposição, plano a serviço de um voo.

Risca em movimentos até onde sua asa consegue, retorna em uma sequência rítmica que se perde no movimento, variação e repetição com sinuosidades que causam pânico e variações de respiro. Imprime forças que sua intensidade o governa, desliza e sobrepõe, estica suas asas comprime sua massa corporal diluída em pressão na massa de cor arte, esfrega e grita.

Contradição de uma expansão, gaiola cartesiana, desconhecido de um instante, que logo já é domínio, jaula de dimensões poucas, reagida pelo medo da criatura de diluição, potência com tempo de apronto.

Diante do inusitado do choque e de rompimento de uma exploração de espaço por parte da criatura, que não são do território de ações previsíveis e de passividade. A criatura –asa depara-se com um ambiente de espaço e exploração do vácuo perceptivo, de acontecimentos que antes não estavam tão claros, com uma atualização constante, não congelante, instável, desequilibrando o próprio estar no espaço, rompendo seus voos em intensidades e experiência.



Criatura asa navega em um oceano de cão

Criatura asa, máquina de escutar o absoluto. Estabelece diálogo com o que escuta ao longe e nós não percebemos.

Ao contato, criação, matéria, corpo, alma, se pode vislumbrar, capturado pelo instante. Perder o porto seguro e confortável da razão. De suas proposições e gavetas mortas, de tudo que é possível. Artista que assume sua diferença no mundo e no extravio da vida pulsante. Podemos navegar sobre o desmanche de um contato.

Substância que escorrega pelos dedos, barro, viscoso é seu descontrole, pelo contato, criatura asa que não vê, o que vemos? E quem vê o que ele vê? Sensações, sentimos ou temos noção? Qual a percepção que envolve, nos envolve?

Magia de artes, estabelece contato com a criatura asa, cuja máquina de escuta é mais potente que a sua? Quando isto se aproxima, quem estabelece o norte da paisagem, o olho ou audição?

Limites são ficções, corpos unificados em uma só atmosfera e existência, corpo percepção, imanência, som, virtualidade, tátil vibração, sentidos em fusão. Onde fica o aprender algo?

Será que o som, já nasceu com a criatura asa cão, no ventre de sua geradora? Sua geradora também é só escuta? E o som do universo? Provou o silêncio, existe? Que matéria é esta, o instante do som percorrer seu coração e atingir em cheio outros corpos, mesa, cadeira, sala de artes, a rua, a escola, o bairro? E o carro que passa e afeta a escuta do radar da criatura asa cão, traz uma linha de escuta cartográfica, uma percepção de uma distância que só um cão pegaria, devir cão, devir animal? Se os meninos da Paola Zordan uivam o hino nacional, a criatura escuta à distância, o que é

isso? Quantas superfícies de contato, membranas dilaceradas, cola, desmancha. Pensar o quê? Será que de alguma forma a criatura pensou isto ou aquilo, o imaginou? E os atravessamentos, que não cessam, serão eternos, incessantes, existirão em tudo constantemente? Na vida que arranja o entorno, película penetrável e que faz dobras ao longe, geográficas dobras, sentidas, formando territórios de escuta?

E a criatura que repete os sons e os recria, dilacera o que escuta e os transforma, ressignificando, atmosfera. Criatura captura, esvai, só som, seus traços asas se colocam, seu corpo distribui flaps, (movimentos de braços e mãos com se fosse pássaro, características físicas que se assemelham a movimentos de autistas). Captura o que não se vê e não se sente, viagem do som, mergulha em um oceano de escuta profunda. Aterrissa em um instante e se desconstrói no mínimo contato com os planos que se chocam e desmoronam suas linhas em sequência rítmica.

Corpo espaço cadeira, mago, criatura tecido. Papel, vidro, janela, luz. Quando vamos iniciar a experiência de artes, nosso tempo é roubado pelo devir escuta, devir animal criatura asa cão. Que só percebe o prisma dos vermelhos, fragmento de olhar que vê, e habita, sua interioridade singular. Não conseguimos mensurar, e nunca capturar e não ser absolutamente nada do que está sendo no momento de contato. Somos afetados pela intensidade do evento, existência asa cão efetiva, mundo de uma realidade própria, habita, imanência de uma vida. Corpos sem órgãos, um vapor de transcendência. Corpo acontecimento. Esvai, recompõe, fragmenta, dilacera, desaparece? Corpo som, máquina de escuta, substância, sonora, na potência de suas possibilidades de engendramentos, quando será que cessa, só na morte. O infinito tem audição, vibração, penetra na derme, sacode tudo e chacoalha feito cão. Mágico acompanha em atenção e dilata sua membrana perceptiva. Currículo animal. Percebe a distância, escuta. Afetado e entrando em fusão de tempo que não o seu, desorientado. A orientação da criatura cão passa pela desorientação do Mágico, próprio estado de não saber qual será seu próximo movimento, mesmo tendo

ecolalias, uivos, cânticos, assim, cada instante é único, com novidades a cada janela que se abre, estamos no limiar, na atualização de diferenças e suas variantes.

Criação, viver, intensivo e lento, andar para trás e à frente, para cima, adentro, chocar-se, mergulhar no desconhecido. Em Zordan (2019), “correm em devires loucos, levantando questões que não resultam em nada, mas que nos forçam a pensar”. Devir coragem, fazer parte, decompor, distender, romper, problematizar, matéria, solúvel ou indissolúvel, instante, duração. Imanência, um limbo, não é nada, é o ponto zero, pensar. Mágico se multiplica no instante que se permite em ser absolutamente nada, instantes com as criaturas asas.

Uma janela, um instante quando uma criatura asa nos dá uma fresta para receber o que vem de nós. São instantes onde o Mágico pode mergulhar em plano de voo de uma criatura asa, e por algum lapso de tempo receber um retorno. Quando a via se transforma em mão dupla, estabelece o meio do caminho, a criação é absoluta e o desvio é imperante, sempre escorregamos na tentativa de norte que vai por terra abaixo, assim como se estivéssemos em areia movediça.

O acontecimento é intensivo e flutuante, se não tivermos chão. A potência de estar em aberto e não podermos controlar absolutamente nada é total. Mágicos deslumbram sua existência, materializam o que não sabem, cacos são inevitáveis. Criam meios e caminhos nunca antes trilhados. Sempre será torturante e angustiante.

Neste caso o lema é mergulhar sem máscara, o ar se cria, o pulmão dilata mais do que é possível conseguir, e quando não tivermos mais profundidade para avançar, deixar a corrente nos levar, seremos engolidos pelo caos. Que tenhamos sempre uma corda com algum contato, em alguma estação mais próxima, um rádio de escuta que possamos dar um câmbio e pedir ajuda.

O desejo ~~sempre~~ vai ter escapes, a dobra é inevitável, sempre vão existir afetações, rasgos, vazões. Não existe lugar ileso, o fragmento vai existir, recompondo novamente uma potência ao criar novos territórios de pensar, criação em intensidade, movediço e suscetível.

Instantes que duram eternidades, o tempo libera-se de Cronos, elasticidades infinitas em experiência.



Múltiplos pedaços

O dia em que o espaço e sua observação decompueram-se em muitos pedaços, em um gesto.

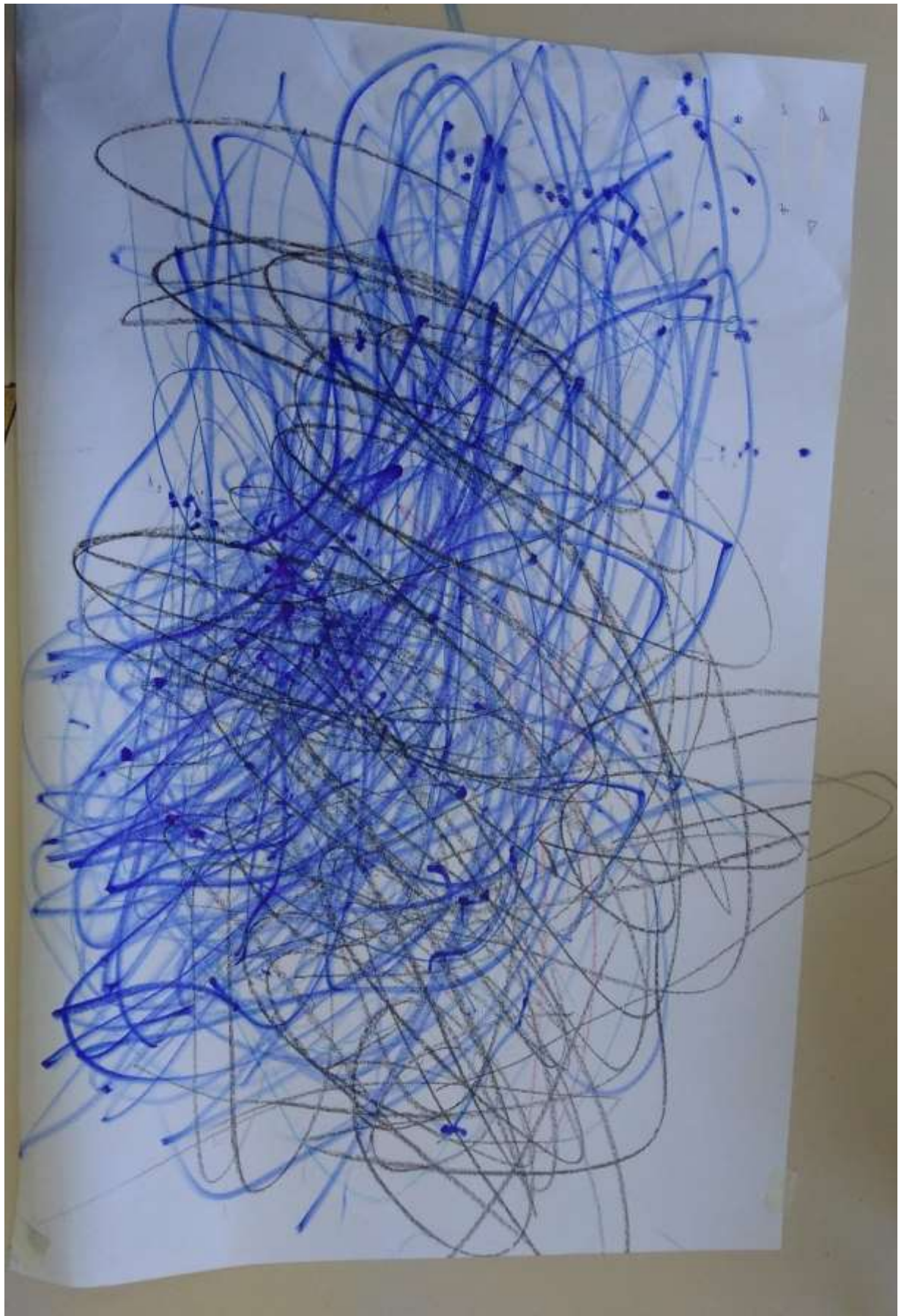
Uma criatura de asas rasga revistas em minúsculos fragmentos como se esta ação não fosse cessar, decompondo o plano em milhões de pixels, ponto de vista de observador desta ação. Junta no meio de suas asas enchendo o máximo que pode. No mesmo, instante joga para o alto, gesto rompante, chuva, minúsculos pedaços, e assim sucessivamente, junta a mergulhar no espaço. Repetição ~~constante~~, circularidade de um movimento sem fim.

Dança nunca vista, repetição da mentira toda, gestos dissemelhantes, repetiam e se diferenciavam. Sutilezas imperceptíveis, se percebia uma variação de lugares onde caíam os pedaços de papéis. Múltiplas disposições, nuances e cores, obra pontilista mutante. Eterno movimento, dança, olhar do mundo se desmancha. Gestos ritmados, acompanhados por sons sem uma definição, sussurradas, conversa consigo. Em prol de sua própria escuta, agora os gestos de chuva de papéis diminuem, em variação com os sons.

Coloca suas pontas de asas cheia de papéis em sua cabeça, movimentos constantes, diluição e olhar no meio dos pedaços, desconstrução em uma tentativa vã. Um instante de pausa e um contato com alguém que depois de muita observação, espera um contato, conversa, olhos se dilatam, olham ao longe, fitam. Será que procura algum pedaço que ainda não chegou, ou desapareceu em sua retina, focada em uma percepção que é só vestígio do gesto, visto, vivido, inserido em seu corpo.

A memória, não congela, ato que não se fecha, repetição que escapa, controle que é mental, pensamento que se fragmenta, mistura em gestos e percepções em um exponencial de tempo. Dissolução do que nunca foi, ficou silêncio e parada. Junta todos os pedaços e amontoa o máximo que consegue, cessa.

Momento deslocamento, lento e observador, tempestade que passa, alegria que se instala, viagem que acaba e voo que chega a seu destino que não foi traçado, existido, experiência em uma intensidade de existência, devir criatura asa. Conversa e olhar penetrante em quem compartilhou toda esta dança, tempo Mágico em uma imagem que perdura em fragmento e imagem memória.



Pêndulo da ilusão pontual

Criatura asa traça movimentos em um plano, resultante de um apoio, repouso, descanso, suspiro respiro, sons, retomada, movimento, fragmento de tronco e asas que se ergue, investimento, debruçar-se ao plano, reorganiza o gesto, traduz um instante. Sinuoso olhar que persegue o gesto em desalinho e ruptura.

Movimento contínuo, um domínio e um desvio, antes um ato motor deliberado. Agora sob a batuta do olhar. Acompanhamento do gesto, cabeça que percebe e acompanha o braço.

A cada ponto um apoio, pressão de um corpo em uma mínima ligação, reequilíbrio que se apoia em um hálux, que ainda o tem, arco de esticar, verticalizar, romper o espaço e atacar, espadachim do gesto. Base que apoia e outro na ponta de um canetão, diagonal sentada, na sua pressão que oscila, produz uma mancha, afundamento no plano, borrão, derrame de tinta gráfica, apoio úmido e material em fusão, rasgo dilaceramento.

Produção de repouso, próximo lance, ponto substrato de desequilíbrio, pauta que inscreve oscilações, contato primeiro, encerra um ciclo, ponto que oscila, não existe, ilusão, ação, impulso, postura vertical, corpo oscilante, marca, bípede, pensamento e fluência.

Oscilações de um ponto que nunca vai ser fixo, sempre será único e abstrato, a cada equilíbrio uma incerteza, da próxima oscilação e desmanche de um equilíbrio que nunca foi. Falso instante, que se move ao respirar, areia movediça de uma incerteza, que ilude a existência desta criatura asa. Registro de uma asa que alonga e encurta, se move conforme a intensidade da criatura. Seu foco é gesto, sua marca voo, seu registro um instante linear e infinito, continuidade de asas que tentam alçar voos maiores. Luta com seus limites e resiste a diluição de sua vontade.



Cercar o plano, cacar

Criatura asa cerca um plano, se perde e acha algum ponto de ilusão entre os cacos, os organiza no intuito de suas asas não romperem o espaço e não sentir mais onde se localiza, num misto de pânico e prazer.

Cacos que iludem (ora, os cacos iludem? não, os cacos cacarizam, perfazem, refazem, re-circulam, somam nichos, aglutinam blocos...) com seus equilíbrios de tempo volátil, colidem com as forças da terra que puxam. Espirais que se formam pelo delírio da criatura, misto de diluição e orientação, linha cartesiana que puxa para a terra, orienta e enjaula um voo que é infinito, se ilude com seu cercado, tempo restrito até acordar do delírio. Codificar o infinito, fractal de ações e percepções, reorganizar como experiência, lutar com a forma e sua sedução. Forma que puxa para um campo de espaço achegado, cacos de intensidade variáveis e cegas, puxam para o infinito e o absurdo, tencionam zonas de vizinhança pelo que não se configura em algo que se defina.

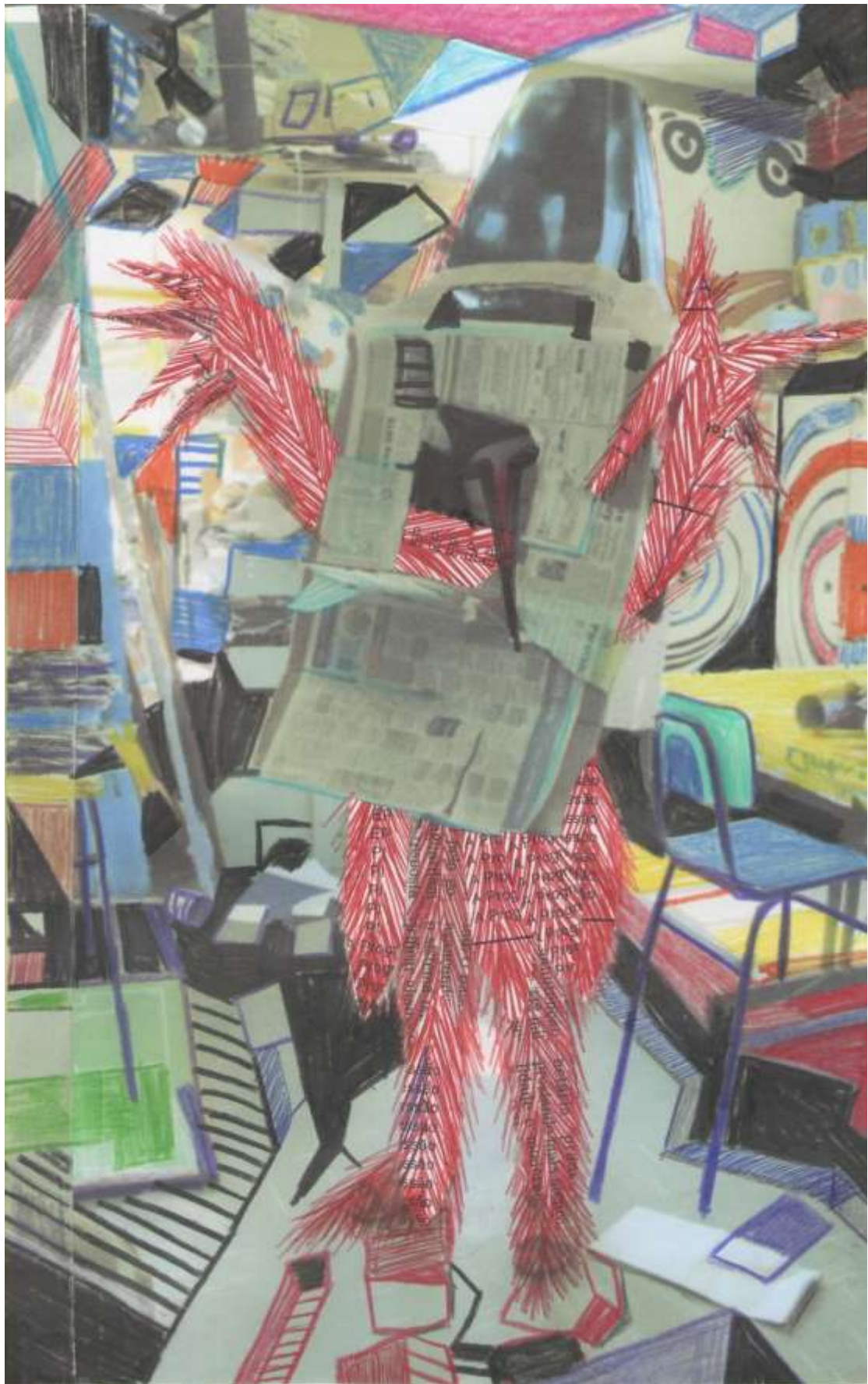
Ao não se afirmar em uma definição, o pensamento ~~navega, não achando porto seguro,~~ voa em velocidade e novas afecções e transitividade de infernos, cavernas, mergulhos no desconhecido e na potência de desmoronar qualquer significação e território, tendo o espaço como intensidade de outro lugar onde o voo ~~é infinito~~ arrisca suas manobras.



Membrana que abana o plano

Onde a massa deambula, não se distingue seus membros, esconde, dobra e eleva. Rola e aperta, tenciona a todo o instante, luta e densidão. Acavala, objetos se erguem, dobram a seu bel prazer, uma criatura asa engolida por um devir caramujo, circula pelas retas, desconsiderando sua existência e posição. Rompe o espaço e intenta em decompor, força na produção de cacos, densos mais possíveis, alastra, derrama, rola por tudo, desconsidera os sentidos, rompe o espaço na experiência de sua infinidade de intensidade e movimento.

O chão se abre, entrega as forças de trituração, fissuras se apresentam, grunhidos seguidos de risadas dionisíacas. Caramujo rola pelas fissuras que se apresentam, não fixa, nem percebe ângulos e sua pontas, mal sabe ele que não existem, são ideias, ao se ampliar são matérias que se aproximaram, ao se chocarem rompem estruturas e sua fixações. Avalanche em massa que ao rolar, corta planos que imperavam com sua estabilidade e retidão, balança de forças. Desequilíbrios gerados pela criatura e sua impetuosidade, se larga em colisão, destrói eixos que ao não imaginar, não o sustentam, se esparrama em massa uniforme e móvel, esponja e liquidez, trampolim para seu escorregar, diluição de alguma forma mais resistente.



Caixa nave, pessoas imprevistas

Em uma caixa me acho, vestida de casa boneco nave, uma criatura asas, se acolhe em um lugar de refúgio, em momentos de desgoverno. Bate com membros em prol de atenção e paradeiro. Limite que se impunha, sua dança em parafuso, trânsito de alegria e contentamento, fúria de gritos e vociferações.

Seus limites são extremos, rasteja por horas ininterruptas, se dobra e contorce. Rasga planos e acumula tintas, suas marcas são fortes em vermelhos e pretos. Seus registros gráficos são troncos sem segmentos.

Sem boca, sem olhos, sem ouvidos, às vezes sem cores. Dorme ao chão, fica noites em claro, resmunga, produz grunhidos e tenciona a arquitetura de onde habita e onde passa. Chuta portas e cadeiras de forma esgotante. Seus sons são ouvidos ao longe, sua fúria sempre em sua derme. Nave caixa a acolhe e a deixa com proteção, se maravilha com sua vestimenta. Uma resistência acomete em romper o laço de sua capa de proteção plástica. Segunda pele, território de passagem para enfrentar seus monstros, demonstra satisfação em sua experiência nave casa. Ao se deparar com alguma caixa que caiba, sempre se adentra e ali fica.



Engolfada pelo plano

Suas asas se apertam, o plano a sufoca, luta desesperadamente, brincou com a veladura. Ilusão de poder, desespera, grita e paralisa, está amarrada em seu delírio. Ao mesmo tempo que intensifica o mergulho, tenciona o plano, não rasga, deambula pelo espaço. Suas garras foram engolfadas. Quem é mais intenso, a experiência ou a vontade de sair? Impasse, tempo que corre, silêncio e calma. Próxima ação, espera e escuta, muda não se mexe, só respira, uma criatura asa, se emaranha em sua ação, tempo decide o que será seu paradeiro.



Cacos submersos

Uma criatura asa, mergulha em lentidão encoberta de um plano papel, um caco que juntou em meio a muitos pedaços de uma cacaria móvel e transitória. Uma existência de um delírio de monstro e experiência, desvenda o plano e é engolfada pelo mesmo. Tentativa de captura. Delírio da criatura asa, segue na vertigem, deambula e some pelo espaço e dilui no plano. Uma das existências apresenta comprometimentos, sua anomalia proporciona e libera uma garra.

Não estabelece parada, vai e vem, conforme o plano a seduz, namoro perigoso e volátil, qual a diluição deste estado de parangolé. Voo cego de sua imaginação, território sem marco e sem chegada. O infinito estabelece o trânsito, perambula pela sua garra, que ao puxar, rompe a membrana de uma existência experiência, plano que chama para permanecer caco, sumiço e fragmento. Engolfada pela monstruosidade regozija com sons de domínio e temeridade.



Desenho Escrito

Pensamento e gesto, velocidade impressa, fala que é engolida pela velocidade da ação gráfica, desenho escrita, uma assinatura de um instante, zigue-zague e continuidade, um foguete, uma transição entre palavra e desenho, como se fossem separados, sua origem é a mesma, gesto que pode ser uma linha contínua ou não, sequência rítmica e desordenada, rompida pela criação que pode levar a qualquer lugar. Será que não é a mesma coisa? Criação que nasce em uma potência interna, em um corpo que se move e galopa para registrar o que não sabe bem o que é, um pulsar de gesto e marca.

Outro ponto

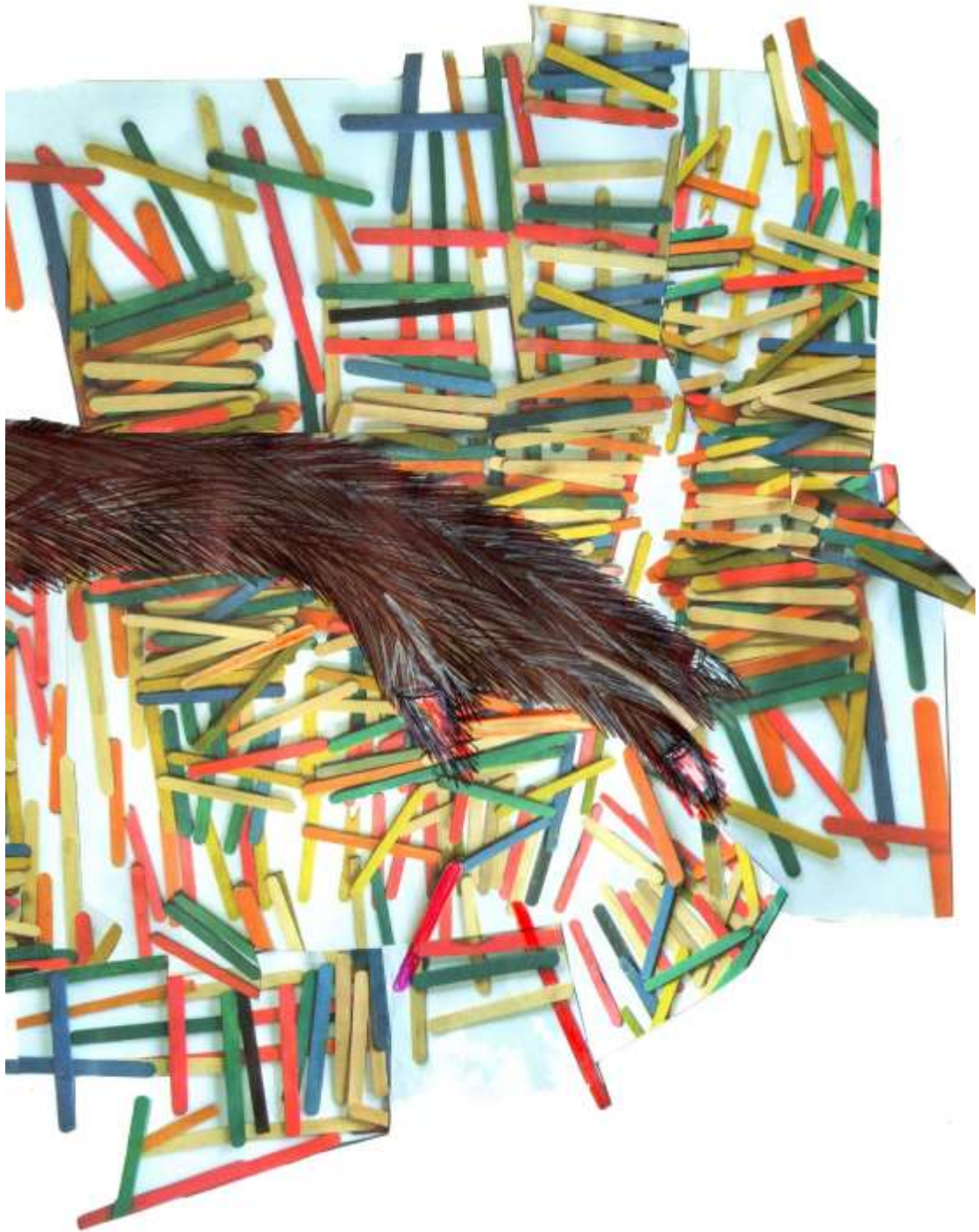
Ah, anh... essa palavra ilusão... se aqui se fala de fabulação, o que ela vem fazer? Ilusão nem é da Filosofia da Diferença, é coisa platônica. Mesmo assim, nos iludimos com a ideia de que tudo o que pensamos tem algum valor. Qual o valor do pensamento para uma criatura-asa que vive sem fabular nomes, números e deuses? Nos iludimos com a possibilidade de que a criatura pense porque fez dos pontos, linhas.



Devir-polvo

Arrastar cadeiras, sons irritantes, rasgam, máquina audição em profunda exacerbação, diluição do espaço, tentativa estéril, pressão, romper o chão. Cacos de giz e sua trituração, investiga, cospe, engole, lambe, cospe novamente, libera o excremento misturado. Criatura asa em densidade incontrolável. Regurgita tinta, joga ao chão, solo, plantar erros. Olhar em profusão, tempo desmanchado. Cronos esmagado. Ataca as camadas, raspa, extrai, descasca, aperta, ventosas de polvo que aderem no plano, sobrepõem forças que se espalham. Acumular, sedimentar, linha de ação contínua e repetição. Inversão extração. Continuo reverso, espalhar desmanchar, desintegrar, luta de matérias.

Cacos mínimos, molaridade, penetram na derme, pedaços, pontos de asas, desintegração da criatura asa. Ventosas rompem sua estrutura, se agigantam, crescem junto com as asas que desfalecem, ventosas aderem e espremem, engasgam, dilaceram ao redor. Tentáculos da criatura jogam cacos pelo espaço, rompem o que estiver no seu perímetro. Desgovernado e furioso, restos de unha, rasgam paredes e seus escombros, fúria e destruição, urros e sons estridentes. Acontecimento asas polvo, romper matéria, espaço que amplia, internalização adensada. Devir polvo que cruza tentáculos e rompe o espaço, cria Cacaria onde passa, rompe qualquer ordem Apolínea, inesperado e rompante. Cacos que se espalham e produz camadas de trituração em um movimento intenso e repetitivo.



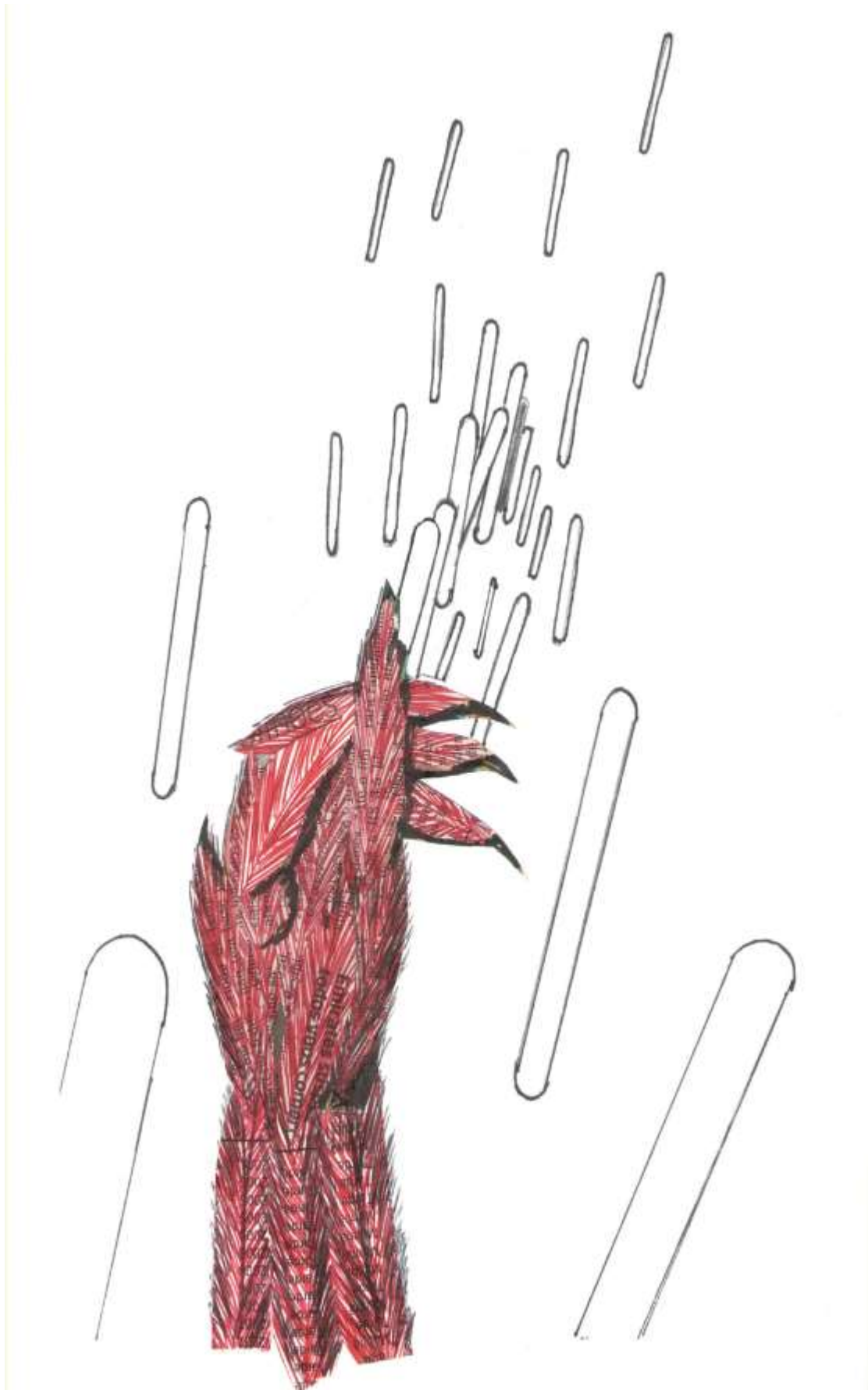
Varinhas

Criatura- asa encontra uma pilha de cacos com inúmeros *varinhas*, pequenos segmentos lineares, um encanto e uma ideia,

Primeiro voo, sensação na ponta das asas, mede cada um para comprovar que são iguais, nos primeiros movimentos em ordena-los, tentativa de manter o mesmo movimento e velocidade do flap, algo impossível para um pedaço distal de asa. Um automatismo assumido, mas enganoso, sequência colocada em um plano sobre outro plano, pensamento ordenador e leviano. Tempo repetir de diferir, traduzir movimentos que não se conformam os mesmos uma sobreposição de um flunar. Algo que se dissipa no ar, leveza e sutileza sem igual, mínimo, que sofre desvios e rupturas.

Na asa esquerda coloca todos na mesma linha, estado de máquina instalado, tentativa vã, respiração interfere diretamente. Sequência da esquerda para a direita, escreve uma linha fragmentária, disposição semelhantes a telhas em uma casa, angústia de nunca acabar, ao primeiro cansaço, troca de asa. E com a direita coloca os próximos em vertical, agora mais veloz e interrupto, gesto e automatismo, tentativa de tomar o plano.

Solta as varinhas, a precisão já se diluiu pela velocidade da ação. Uma espontaneidade substitui a racionalidade da medida do gesto e olhar focado no espaço, imprecisão, desvio impera, acumula-se. Passa a colocar dois a dois, sentido de urgência. Assim como se a quantidade de matéria acumulada em forma de varinhas o pressionasse a acabar. Luta com o infinito, intensidade, velocidade que é mais forte que o próprio ato de ordenar e executar, ações que se repetem. Descortinam uma diferença que afirma o duplo, o triplo e a multiplicidade do diferir. Asas que atropelam, não sabendo onde vai chegar. Em algum momento uma parada de alívio e prazer. Deslumbramento, permissividade carregada de intensidade e desvio, pelo gesto, primeiro. Gesto pensamento, ação que transita, desloca na velocidade do ritmo, ação em fusão, gesto fluido e repetitivo. Variações e sutilezas, diferenças que nascem no ato de tentar uma igualdade estéril.



O que foge

...ao insistir ele foge, persiste, tenta novamente, deslumbra um ponto, um foco mira-o, a frustração o espera. Tenta novamente, desfigura a imagem, turva as possibilidades. Segura firme, o intento é vigoroso. Minimalistas o inspiram, repete a registrar em sua ação uma precisão ilusória.

Seu pensamento é traído por suas ações e suas asas, ação que o pensa, que não lhe seguram nenhuma precisão. Seu voo é uma mutação constante, pensamento e motor de uma diferença que o domina, não segura nada em absoluto. Traído pelo espaço profundo, sem fim e regado de infinito, sua imagem é ilusão, sua imaginação o trai, destitui uma precisão nunca alcançada. Tentativa estéril e desgarrada.

Minimal porque os materiais possuem forma idêntica, quase sempre industriais e geométricos. Repetição por excelência.



Desvios lineares

Criatura asa mergulha em flaps, em ritmos que se acumulam e formam paisagens em fragmentos lineares, ilusão de ser infinita e reta, geometria de sua própria falência. Que entorta, se rompe em uma tentativa vã de ser parelha, equivalente, simétrica. Assimetria que se instala. Deslocamento de quem vê e faz.

Cada momento se distingue em inúmeros pontos de vista, pontilhismo de traços interrompidos. Quebra cabeça de uma linha que se entorta cada vez mais que se esforça para manter a ilusão de ser única. Corpo que nunca vai manter o prumo, olhar que luta pelo eixo x e y. Abstração que engole o sistema que não se sustenta, não comprova o que propaga. Falsa ilusão de ser preciso, esquece que os divisores de três são infinitos.

Ao se construir se corrói pela existência das criaturas asas, que são vastas, com flaps imprecisos a cada instante. De pouca máquina de olhar, percepção tátil aguçada, mas com uma visão diminuta, sentem mais do que enxergam. Sofrem o desfalecimento de um sentido que não são o principal.

O que está embaixo em algum momento pode estar em cima, do lado, na frente e atrás. Eixo de centro ilusório e sem local definido, infinidade de pontos das criaturas asas, e de seu ato em curso. Move conforme a ação é executada, ao mínimo movimento de um flap, tudo muda, ação, corpo que executa a obra que não se fixa em uma grade de equilíbrio. Plano cartesiano que não dá conta de um pensamento que é ação.

O próprio plano cartesiano não se constitui como um sistema fechado, não sustenta ações singulares, se torna inútil e inoperante, serve e trai, nos quebra a espinha em inúmeros momentos.

Fragmento que impera, deslocamento que não para, ao olhar e perceber, que o espaço é fluido, sem ponto de descanso. Ao mínimo piscar, estamos diferentes, não seguramos o plano, se move e somos movidos pelo mesmo. Infinito e sem registro que vamos ficar seguros ou afirmados em alguma razão ou resultado de igualdades ou precisões. Seremos eternamente desgovernados mesmo com todos os sistemas que regem uma medição fictícia. Espaço interminável e sem precisões, universo ~~em expansão~~, retração, destruição, desmoronamento, fragmentação. Colagem estéril do que não se fecha, destruição de sistemas ilusórios, inutilidades, segmentações em curso, existir em arte, existência arte.

Nada, nesse campo de cacarias, consegue ser efetivamente imperativo. Nenhuma palavra de ordem cabe nestas aulas.



Cor que derrama

Linha imaginaria, tempo de resgate, ações lentas e medidas, saboreadas. Espia entre as cores, uma criatura asa observa sua ação, se encanta, descreve, sussurros.

Fala baixo, não se entende, murmúrio, cântico e deboche. Coleta cores e estica em um varal de pensamento visual. Suas ações demonstram que as cores parecem estar molhadas. Lembra uma lavadeira na beira de um rio, com sua bacia e suas poesias que esfrega e escolhe qual a próxima leitura. Classifica cores e as vezes uma luz de alguma amarelo ou laranja, acordando os azuis que se acumulam. ~~Paciência de um monge~~, se acolhe e suspira em um ato que prolonga o máximo que pode, refúgio de elaboração e sentimentos guardados, reclama em silêncio, às vezes alguns gritos e rompantes de raiva.

Aproxima os cacos de tecido e emparelha pequenas peças a formar uma massa, tentativa de cortina. Se esconde e às vezes espia em uma fresta de cores, silêncio. Divide o tempo que é seu neste momento, organiza e cria atmosfera, passagem. Muitas vezes se perdeu em leituras do livro de Bispo do Rosário, folhando as páginas e fazendo comentários que só ele entendia.

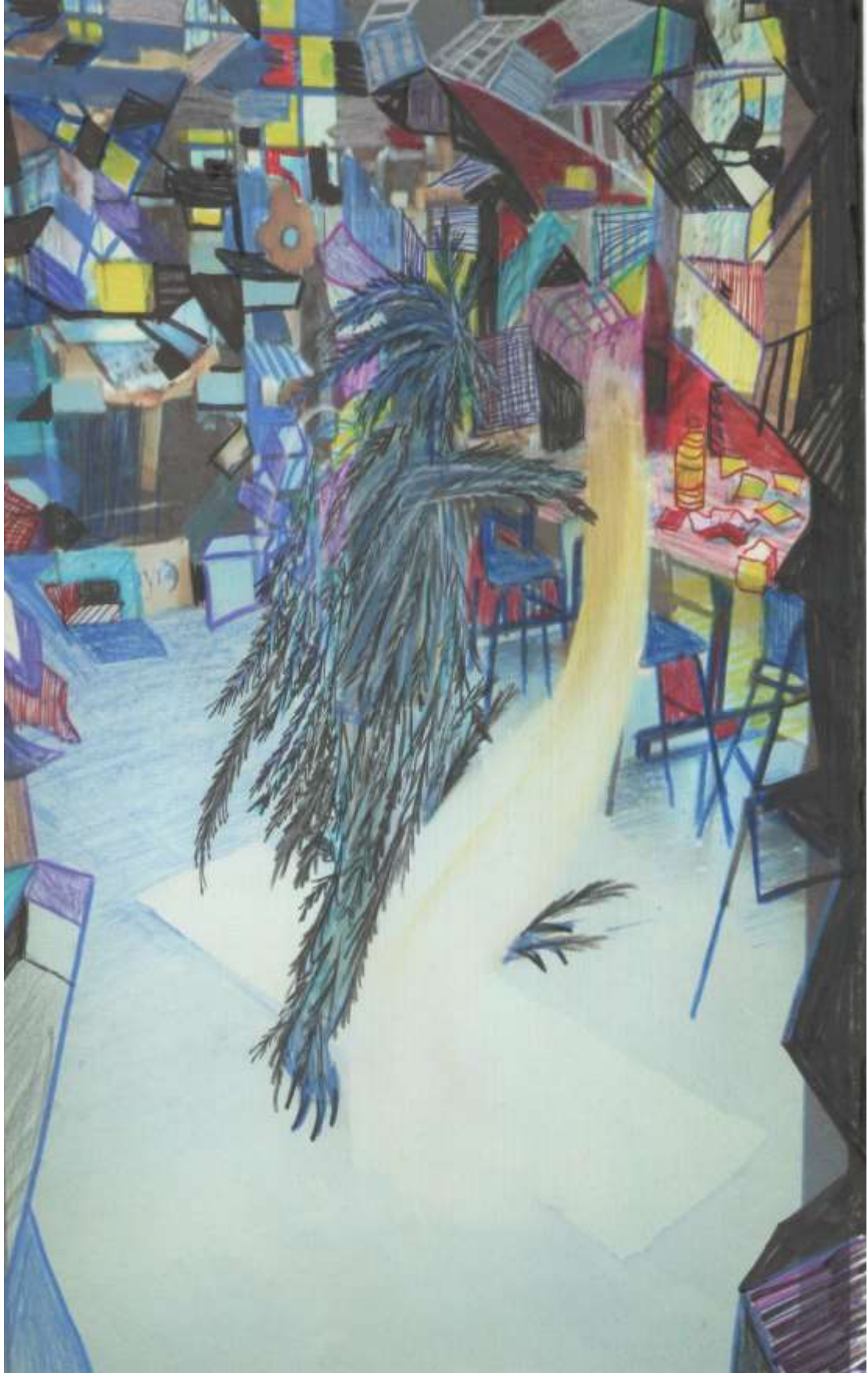


Criatura asa, devir-camaleão acordando uma serpente

Criatura asa se esfrega num plano horizontal, desmancha e adensa, pressiona e exerce forças que não domina, vibração no arranjo que está se decompondo. Esparrama, estica, enrola, espreme, experimenta, eleva seu tronco e sua espinha. Experiência régua de si, mede e sente o quanto a inercia o satisfaz. Sons de euforia e movimentos lentos, o inesperado se anuncia, tombo, rolo, enrolar e empacotar. Empinar em frente, desequilibra até o próximo tombo, eixo em desalinho. Um devir Camaleão já o possui, enrola e toma velocidade. Destitui qualquer gravidade, reto e torto, inclina e desaba, segundos de parada até a próxima quebrada de prumo. Sem medidas, desalinho imperante, inclina e desce, sedimenta partes e outras rompem, tratados de desacordo.

Uma serpente o vigia de perto e sente que ao se esfregar no plano move com sua cauda que ainda não tem dimensões, aproximação e fragmentos que se alteram. Movem os planos, rompem linhas que sustentam, desmoronam fixações, espaço sideral e movente. Ilusão e delírio, espaço que move sua órbita de centro ilusório. Decomposição e não totalidade, movimentos da criatura asa criam contato e desequilíbrio na serpente adormecida. Criatura asa inicia um trânsito pelo seu estado Camaleão, não entende que seu contato com um plano absurdo mexe com o sono da serpente que estava só entre linhas de um plano liso e fixo. Potencializando sua criação e a mão de mister Escher, passando em um instante de tempo, uma sintonia de linguagem. Uma conversa com o além, estabelecendo uma inversão nos planos que estavam ruindo, deixando a ilusão de se fazer dimensionar ou manter planar o que nunca existiu.

Camaleão da arte que com seus enigmas e sua destreza, planta dúvidas em nossa visão, sistemas de ilusão. Remete ao espaço profundo e ilusório de onde nos localizamos, imaginário pensamento, trânsito de códigos e imagem.



Plano volátil

Criatura se depara com um plano dobrado, um caco, matéria enrugada, acumulada de ações de criaturas que o adensaram. Criatura o movimenta, estica suas asas até a exaustão, dança com a luz, veladura que a qualquer momento pode desintegrar. Matéria sutil e potente, imaginário de umas asas, sua cor muda, conforme a força da criatura e a intenção.

A matéria se ergue, muda, sua posição é instável, delírio e materialidade ao mesmo instante, sentidos em profusão. Membrana imaginária, ao deitar o plano desaparece, ao erguer ele se forma, entre o que se imagina, se vê, imagem, vive a imagem, brincar com a luz. Criatura asa sente, mas nem a própria criatura separa sua inexistência da matéria que está operando, segura em suas asas, mas não o percebe como algo que pode se configurar no espaço, pensamento movendo o instante. Matérias podem desintegrar no ínfimo tempo de duração do foco sobre sua imagem, vertigens beiram, imagem persiste, sua intensidade perdura, fechamos os olhos, pensamento que não congela, corre em velocidade.

Habita em um espaço volátil e vazio, intensidade e performance da criatura. Sensação elástica de um acontecimento que pode não ter existido, mas sim um imaginário de fabulação e delírio, juntando pedaços e fragmentos. Algo que não sustenta o que possa durar, materializar o que se transmuta em um devaneio de escrita e imagem.



Criatura asa acoplada

“correm em devires loucos, levantando questões que não resultam em nada, mas que nos forçam a pensar”. (ZORDAN, 2019)

... uma criatura asa se depara com algo que o captura, uma mancha, centro, núcleo, pingo, acaso, capturado pelo foco, precisão, ilusão, intuito, tentar seguir, só se for para dentro do ponto. Movimenta a asa. Expansão que espalha gesto e linhas. Que criam estruturas que não perduram. Uma criatura asa, traça um plano iludido pelo foco encontrado. Nesta precisão não percebe que ao lidar com linhas retas e precisas pode estar alimentando quem sabe desta linguagem de alinhar o espaço. E na escuridão traçar caminhos absurdos, para pegar suas presas. Mal sabe a criatura asa, que seu voo de dominar traços no espaço infinito do plano, está com os instantes milimetricamente calculados, pelo devir aranha que o engole sem o perceber, antropofagia, quase em estado de doença. Sobreposto de um devir aranha, como se fosse um sonho, faz sua teia, percorre cada pedaço, imagina, desvenda sua imaginação, descortina um mundo que é interno. Seu discurso é rito de passagem de estado e descoberta. Conforme seu plano ilusório, se dilacera ao mesmo tempo que se traça, esforço estéril. A cada cruzamento de traço, o corte rompe e inebria o controle de uma percepção asa, que é traído pelo devir aranha. Qualquer possibilidade de configurar algo que se represente. Mais o próprio desfazer do ato. Desregrar, romper o plano que ao se traçar se destrói, infinito picotar, Picasso de si. Pensar em colocar o mundo dentro do registro, sabendo que seu mundo é mais amplo que o próprio registro, este é passagem. Pensa e respira, mente que voa, pintura como um mapa de pensar, gesto veloz, matéria que é contínua. Campo de conexões que se internalizam, flechas de inúmeras pontas, pensamento multiplicado, potência sem número. Dança fluida, gesto primal, criação de possibilidades interruptas. Deslizantes como tinta, arte pensamento, ação.

Flap que se dilui e restitui, instantâneos de transições infinitas, variações sem interrupções. Proliferação de cacos, gestos, sons, rasgos, planos em diminuição, olhar vago, desvio e disforme. Fragmentos que rompem tudo que poderia capturar algum ponto de referência. Retroalimentação do romper, dissolução de um movimento e seu desgoverno, erros, aranha tombada, patas em costuras, amarradas em sua própria teia, disforme e louca. Morte anunciada. Escuridão, tantos traços em infinito que ao se aproximarem se aglutinam e formam massas. Planos uniformes, matéria densa e profunda, mergulho na escuridão, a própria diluição e transição de um plano de operação para um vazio. Vestígios de algum caco, muito pequeno, ao longe e distante, chegamos em alguma galáxia, bem-vindos.

Asas sem finitude, voar, planar, aterrissar e saltar outra vez

Ao chegar aqui os cacos se adensam, em sentidos que persistem a ampliar, preparam outros caminhos a pensar que uma pesquisa é viver e criar meios de se apropriar, sentir, viver e se perder do que se tinha como princípio de algo. De modo que se continua a pesquisar e existir com alunos de funcionamentos distintos, de tempos elásticos e pouca fala, com expressões e rompantes de desmoronamentos de espaços e demarcações. De ações que continuam a destituir qualquer aprendizado com decorrências e suas mensurações. Mobilizando em um professor artista, estratégias de arte e percepção de que o aprendizado desta criaturas humanas se estabelece em múltiplas maneiras. Em ~~sentidos~~ e organizações que não perduram, se decompõem em segundos. Acercar-se da imprevisibilidade como elemento. Com estes alunos a educação é um mergulho no território das sensações e das intensidades. Sem abrir mão de estar de coração aberto e toda força e acúmulo de experiências, leituras, da literatura, da educação e sua universalidade de formas e escutas. Nas esperas em conviver e desaprender com outro tempo e na possibilidade de viver a arte com os mesmos. Sendo a arte um modo de durar e descobrir em conjugado, a suportar os rompantes dos desequilíbrios de inúmeras camadas, que se apresentam por fazerem parte de sua existência. Compondo esta parte uma infinidade de um aglomerado que se arranja a cada descoberta junto com os mesmos, com sua sensibilidade e percepção extrema, que nos captura em sua integridade em viver plenamente o que está a perceber e expressar. Em suas pinturas e descobertas espaciais com o corpo e seus choques com a arquitetura padrão e repetitiva de escolas que não se adequam a diferença e sua peculiaridades. Modos de operar que se mudam em configurações de forma singular. São criaturas ~~humanas~~ de um encanto e brilho de olhar que nos agregam existência, multiplicam criação de linhas que não pensaríamos se estivéssemos só, em nossa célula e racionalidade de uma certeza estéril. Esta experiência intensiva em camadas de marcas deixadas de muitas horas e acontecimentos com as diferenças e variações de humor, instabilidades emocionais, químicas, desequilíbrios físicos e suas conseqüências. Marcas

que geram intensidade dos arquivos que se acumularam e se apresentaram de forma fragmentaria e fabular. Desde experiências em arte que tem variações infinitas de acordar e agregar de vida plena. Assim finalizar uma experiência de envolvimento e feitura de arte e pesquisa com estes alunos possa se ter noção que o fragmento, o caco sempre vão estar presente, não terá fechamento nem finalizações, mas sim intensidade de vida e possibilidades de criação da própria existência.

Algo que prejudica a capa desse trabalho

Odeio a nova ortografia porque ela tirou o salto da ideia e as asas do voo.

Paola Zordan no Facebook em 30 de julho de 2014

Referencias

BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma filosofia do inferno na educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. (Org.) **Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar**. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. **Fantasia da escritura: filosofia, educação, literatura**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Supernova, 2013.

JORGE, Eduardo. **Histórias de fantasmas para adultos: as imagens segundo Georges Didi-Huberman**. *Artefilosofia*. n. 12 (2012), 117-139.

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da Escultura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autentica, 2016.

MELLO, Jamer Guterres de. **Insensato : um experimento em arte, ciência e educação**. 2010. 113 f.+ Apêndices. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2010.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICHTER, Hans. **Dadá: Arte e Antiarte**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SALOMÃO, Waly. **Hélio Oiticica: Qual é o parangolé? E outros escritos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHRÖDER, Guilherme. **Deseducação visceral: compostagens e decomposições**. 2017. 139 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

SILVA, Jorge A. **Arthur Bispo do Rosário: arte e loucura**. São Paulo: Quaisquer, 2003.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

TORELLY, GABRIEL; ZORDAN, Paola. **A pesquisa como fabular de arquivos**. In: ALMEIDA, Verônica Domingues; SÁ, Maria Roseli Brito de; ZORDAN, Paola. (Org.). *Criações e métodos na pesquisa em Educação*. 1ed. Porto Alegre: Nota Azul, 2020, p. 110-137.

TUCKER, William. **A linguagem da escultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

VAYER, Pierre; TOULOUSE, Pierre. **Linguagem Corporal: a estrutura e sociologia da ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ZORDAN, Paola (org). **Lições de má-educação: Los Caprichos de Goya**. 1. ed. São Leopoldo: Óikos, 2020.

ZORDAN, Paola (org). **Secretações**. Porto Alegre: Indepin, 2013.

ZORDAN, Paola (org). **Educar com poesia: malha em carne e vida institucional**. Porto Alegre: INDEPin, 2014. v. 1. 190p .

ZORDAN, Paola. **Gaia Educação: arte e filosofia da diferença**. Curitiba: Appris, 2019 .

ZORDAN, Paola. **Riscos e Ritmos**. In: COSTA, Luciano Bedin da; PACHECO, Eduardo Guedes. (Org.). *Partituras do Silêncio*. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2017, v. 1, p. 19-27.

ZORDAN, Paola. **Abordagem canibal, antropofagia de conceitos**. REVISTA GEARTE, v. 4, p. 317-336, 2017.

ZORDAN, Paola . **Pela livre vida magisterial**. Alegria (Campinas), v. 18, p. 95-98, 2016.

ZORDAN, Paola . **Você gostaria de ser forte?** In: Sandra Mara Corazza. (Org.). *Breviário dos Sonhos em Educação*. 1 ed. São Leopoldo: Óikos, 2019, v. 1, p. 91-97.

ZORDAN, Paola. **Os saberes mágicos no Início da modernidade**. Teias. Rio de Janeiro. (Impresso) , v. 14, p. 157-167, 2013.

ZORDAN, Paola. **Das maneiras de se escrever uma pesquisa**. Revista Digital do LAV, v. 7, p. 1-14, 2014.

ZORDAN, Paola. **PesquiZação/palavragesto relacional**. In: ALMEIDA, Verônica Domingues; SÁ, Maria Roseli Brito de; ZORDAN, Paola. (Org.).

Criações e métodos na pesquisa. 1 ed. Porto Alegre: Nota Azul, 2020, p. 205-217.

ZORDAN, Paola. **...notas para uma vida frontal**. In: Fonseca, Tania Mara Galli da; Brites, Blanca. (Org.). *Eu sou Você*. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2012, v. 1, p. 201-218.

ZORDAN, Paola. **Por poéticas no ensino de artes**. *Revista do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE)*, v. 1, p. 182-198, 2014.

ZORDAN, Paola. **Micrometria e catástrofe: aprender a sensação**. In: MONTEIRO, Silas Borges (Org.). *Cadernos de Notas 2: rastros de escrituras*. Anais do I Colóquio Nacional Pensamento da Diferença *Escrituras em meio à vida* (Canela/RS, 3,4 e 5 nov. 2011). Coleção *Escrituras*. Canela: UFRGS, 2011, v. 2, p. 157-186.

ZORDAN, Paola. **Movimentos e Matérias da Iniciação à Docência**. *Educação e Realidade*, v. 40, p. 525-547, 2015.

ZORDAN, Paola. **Criação na perspectiva da diferença**. *Revista Digital do LAV*, v. 5, p. 1-12, 2010.

ZORDAN, Paola. **Frágil: perspectivas extemporâneas no ensino de artes**. In: Ursula Silva; Nadia Senna, Mirela Meira. (Org.). *Memórias e perspectivas contemporâneas da arte/educação no RS*. 1 ed. Pelotas: UFPEL, 2016, p. 74-84.

ZORDAN, Paola. **Matéria mostra: digressões esquizoanalíticas da Figura**. In: Teixeira Filho; Fernando Silva; Peres, William Siqueira; Rondini, Carina Alexandra; Souza, Leonardo Lemos de. (Org.). *Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea*. 1 ed. Cuiabá: Editora UFMT, 2013, v. 1, p. 195-207.

ZORDAN, Paola. **Aforismos, poemas e fragmentos de uma professora de artes**. In: VIEIRA, Sandra Corrêa; REDIN, Mayra Martins. (Org.). *Poéticas do Fragmento: ensaios, pesquisas e reflexões sobre arte e educação*. 1ed. Pelotas (RS): Editora e gráfica Universitária, UFPEL, 2010, v. 1, p. 171-179.

ZORDAN, Paola. **Sala das sensações: qual o sentido dos sentidos?** In: Paola Zordan. (Org.). *Iniciação à Docência em Artes Visuais: Guia e Experiências*. 1ed. São Leopoldo: Oikos, 2011, v. 1, p. 95-100.

ZORDAN, Paola. **Por poéticas no ensino de artes**. *Revista do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE)*, v. 1, p. 182-198, 2014.

ZORDAN, Paola; NARVAZ, Martha Giudice. **Mil métodos com a filosofia de Deleuze**. In: CORAZZA, Sandra (org.). **Pesquisa em filosofia-educação da diferença: Métodos de (trans)criação**. São Leopoldo: OIKOS, 2020. p. 475- 499.

ZORDAN, Paola; SOUZA, Anderson Luis de. Maniera Morai. In : CORAZZA, Sandra (org.). **Pesquisa em filosofia-educação da diferença: Métodos de (trans)criação**. São Leopoldo: OIKOS, 2020. p. 451-474.

ZORDAN, Paola. Bricolagens, força frágil. **Contemporânea** — Revista do PPGART/UFSM, v. 3, p. 1-16, 2020

ZORDAN, Paola. Dos restos, uma fabulação. In: Paola Zordan. (Org.). **Iniciação à Docência em Artes Visuais: Guia e Experiências**. São Leopoldo: Oikos, 2011, v. 1, p. 129-137.

ZORDAN, Paola; FOGAZZI, Simone. **Da pesquisa-sensação: fragmentos**. In: CORAZZA, Sandra; ADÓ, Máximo; OLINI, Polyana. (Org.). **Cadernos de Notas 9: Panorama da pesquisa em escrituras: observatório da educação**. 1ed.Porto Alegre: UFRGS, 2016, v. 1, p. 26-37.

ZORDAN, Paola. **Fragmentações, Dilacerações, Diluições**. Revista Artíficos, v. 1, p. 1, 2011.

ZORDAN, Paola; FOGAZZI, Simone; **Da pintura e da cor: filosofia**. Revista Valise, v. 4, p. 101-113, 2014.

ZORDAN, Paola. **Ateliê como prática de liberdade**. Palíndromo (online), v. 11, p. 48-60, 2019.

ZORDAN, Paola. **Motivações para escrita a partir de notas em torno de si e dos outros**. Polis e Psiquê, v. 9, p. 205-217, 2019.

ZORDAN, Paola. **Para artistas des-instituídos**. Arte contexto, v. 5, p. 1-1, 2018.

ZORDAN, Paola. **Aulas de artes, espaços problemáticos**. In: **Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu/MG, 2007**. Disponível em: < http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3009--Int.pdf > . Acesso em: 24 mai. 2018.

ZORDAN, Paola. **Frágil: perspectivas extemporâneas no ensino de artes**. In: Ursula Silva; Nadia SennMirela Meira. (Org.). *Memórias e Perspectivas contemporâneas da arte/educação no RS*. Pelotas: UFPEL, 2016, p.74-84.

ZORDAN, Paola; STAHL, Cassiano. **Sala de aula, Aula, Torturas e Suplícios: Perspectivas da Arte**. Caderno Pedagógico (Lajeado. Impresso), v. 8, p. 4, 2011.

ZORDAN, Paola; SOUZA, Adrise. Ferreira. **Espelho quebrado: fotografia e fragmentação**. DISCURSOS FOTOGRÁFICOS (ONLINE), v. 16, p. 120-143, 2020.

ANEXOS

ANEXO I

Os Empilhamentos

As construções denominadas *empilhamentos* são derivadas da percepção dos desequilíbrios corporais constantes vivenciados pelo artista que vive uma condição física cujo equilíbrio sobre as duas pernas demanda constante atenção.

Ao incorporar módulos, repetições e ações físicas sobre materiais como madeiras de topo, o trabalho reflete a trajetória de gravador desenvolvida pelo artista – vindo esses elementos somar-se a outros, como a verticalidade e a apropriação de restos encontrados no ambiente rural e urbano. Quase todas as construções apresentam como características físicas a forma vertical, peso, encaixe, estrutura leve e potencial de serem empilhadas.

As possibilidades de empilhar os materiais têm relação direta com o espaço físico, os arranjos dos módulos e suas resistências como forma construída. Ao ficarem erguidas, escoradas ou amontoadas, as estruturas não dependem de amarras, pois se sustentam em sua própria constituição material, podendo sofrer deformações, deslocamentos de eixo vertical, escoras não resistente e explicitando sua fragilidade enquanto obra não fixa, estando, assim, suscetível de ruir a qualquer momento.

Com o acontecimento dos desmoronamentos, surgiu à possibilidade de reinício da ação sobre o próprio material, dessa vez, com a participação do espectador que pode tocar nas peças expostas e rearranjá-las quando o acidente acontecer. Estabelece-se, assim, um estranhamento entre visitante e trabalho, causando um possível desdobramento na relação obra-público, criando uma abertura para criação de novos arranjos coletivos ou individuais.

Assim as pilhas, arranjos frágeis, escoras tênues, sobreposições modulares deformadas pela ação do tempo, seus desgastes, suas variações de peso e forma, texturas salientes, espaços lisos, inúmeras tentativas de empilhar, deslocamentos pela parede, deformidades pela ação do ar, esbarroes do corpo, ações rápidas, desmoronamentos constantes, duração irregular da construção e a infinita possibilidade de reiniciar, colocam os empilhamentos no território da reflexão a que constantemente nos propomos e que indaga onde se situam arte e vida.



Empilhamento circular Projeto Br 116 Subterrânea e Casa Paralela/ MAC/ RS

Registro fotográfico de retrospectiva e residência artística, onde produzi uma exposição da poética dos empilhamentos. Orientei leituras de portfólios de estudantes de Arte de Graduação e Mestrado. Este evento foi resultado de uma escolha entre 15 artistas do mundo, onde a trajetória artística e de educador de artes foi escolhida.

Aconteceu na Hanze Minerva Art Academy, em Groningen/Holanda.



Panorama de pinturas e xilogravuras de desequilíbrios visuais e tridimensionais.



Mesa tátil com projetos de obras. Empilhamento realizado com os estudantes.

ANEXO II

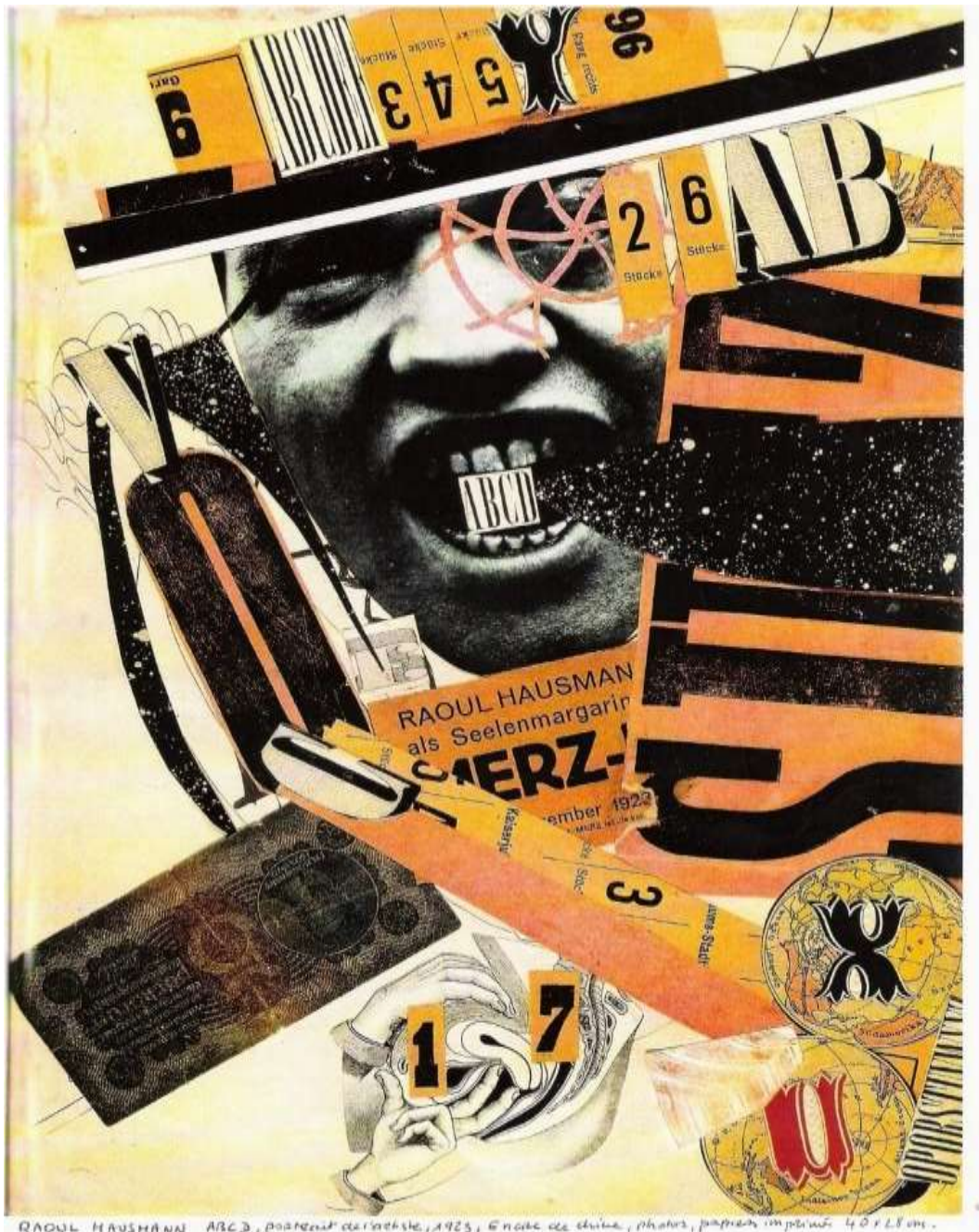
Referencias artísticas Coincidências e precursores

Albert Dürer.



Autor: Albrecht Dürer Técnica: Gravura "Melancholia" Dimensões: 31x26. Data: 1514

Raoul Hausmann



RAOUL HAUSMANN: ABCD, photomontage de l'artiste, 1923, 6 notes de sténographie, photos, papiers imprimés. 40 x 48 cm.

Raoul Hausmann ABCD- (self- portrait 1923-24) A photomontage from

Pollock



Detalhe da obra "ONE" 1950

Action Painting

Dripping

Pollock

Escher

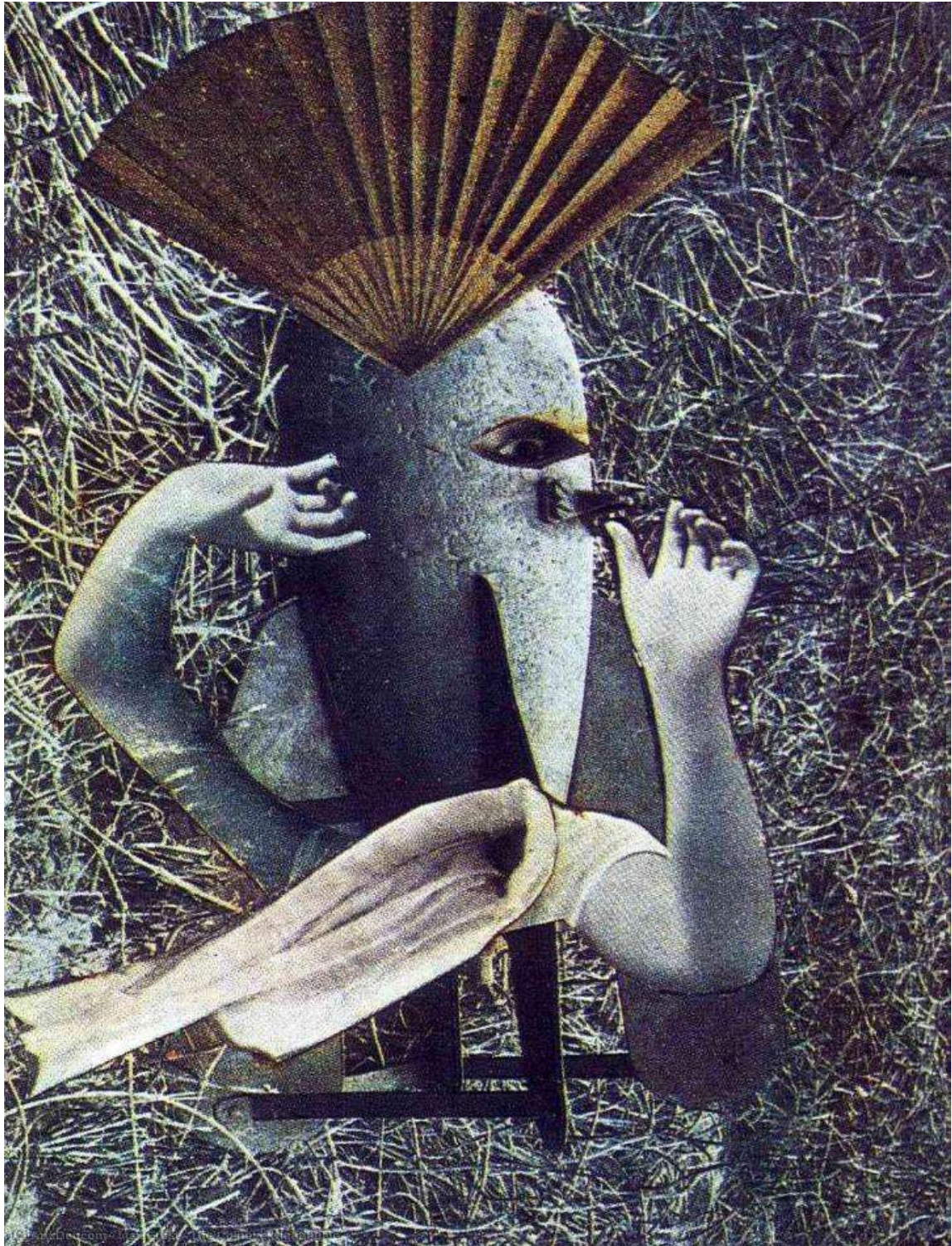


Maurits Cornelis Escher:

Relatività (1953)

Maurits Cornelis Escher foi um artista gráfico holandês conhecido pelas suas xilogravuras, litografias e meios-tons, que tendem a representar construções impossíveis, preenchimento regular do plano, baseados em sistemas matemáticos que só se demonstram em desenho

Max Ernst



Max Ernst

fotomontagem, 12,2x 8,8 cm

Rouxinol Chinois' 1920

Jean Michael Basquiat



Basquiat -1981 AO AO (IN catalog) Collection Andro

Helio Oiticica



Imagem de Parangolé e Tenda Mam/RJ 1965 Exposição Opinião

